

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

AUGUSTO STEFANELLO

**A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA LÁCTEA PARA A ECONOMIA DA REGIÃO DO
MÉDIO ALTO URUGUAI: UM ESTUDO DE CASO DA EMPRESA LATICÍNIO
STEFANELLO**

CAXIAS DO SUL

2020

AUGUSTO STEFANELLO

**A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA LÁCTEA PARA A ECONOMIA DA REGIÃO DO
MÉDIO ALTO URUGUAI: UM ESTUDO DE CASO DA EMPRESA LATICÍNIO
STEFANELLO**

Trabalho apresentado como requisito para
a obtenção do Grau de Bacharel em
Ciências Econômicas da Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora Prof. Ma. Lodonha Maria
Portela Coimbra Soares.

CAXIAS DO SUL

2020

AUGUSTO STEFANELLO

**A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA LÁCTEA PARA A ECONOMIA DA REGIÃO DO
MÉDIO ALTO URUGUAI: UM ESTUDO DE CASO DA EMPRESA LATICÍNIO
STEFANELLO**

Trabalho apresentado como requisito para
a obtenção do Grau de Bacharel em
Ciências Econômicas da Universidade de
Caxias do Sul.

Orientadora Prof. Ma. Lodonha Maria
Portela Coimbra Soares.

Aprovado em ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof. Ma. Lodonha Maria Portela Coimbra Soares
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Ma. Mônica Beatriz Mattia
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Me. Reinaldo Boeira Duarte
Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado durante a realização deste projeto.

Gostaria de agradecer também a minha orientadora Prof. Ma. Lodonha Maria Portela Coimbra Soares, por aceitar a orientar a minha monografia sempre com dedicação, a fim de auxiliar e esclarecer tantos momentos de dúvidas durante esta caminhada.

Aos meus pais, Ricardo e Silvania, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, me auxiliando e me proporcionando a chance de cursar uma graduação na Universidade de Caxias do Sul. Ao meu irmão Gabriel e cunhada Alana por toda ajuda prestada.

A minha companheira Nadine, que sempre me auxiliou em momentos difíceis e esteve presente em toda minha caminhada acadêmica.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus amigos e ao corpo docente do curso pelo auxílio prestado durante esta caminhada.

“Se, a longo prazo, somos criadores do nosso destino, de imediato somos escravos das ideias que criamos.”

F. A. Hayek

RESUMO

A indústria de laticínios no Brasil é um dos setores mais importantes para o país principalmente na geração de empregos, demandando mais da metade de toda produção agropecuária produzida aqui e ocupando o segundo lugar no valor de faturamentos do mercado alimentício. Esse estudo tem como objetivo analisar a importância que a Laticínio Stefanello tem na região do Médio Alto Uruguai, a fim verificar sua relevância econômica como ofertante de empregos principalmente para a cidade em que está instalada, seu faturamento, o valor que gerou de impostos e também o valor que agrega a economia através da diferença da compra de matéria prima e venda de seu produto final. A metodologia utilizada é teórica descritiva para o capítulo dois, histórico descritiva para o capítulo três e método de estudo de caso para o capítulo quatro. O estudo de caso apresentou resultados satisfatórios a fim de validar a hipótese principal do trabalho, sendo possível concluir que na geração de empregos do setor de laticínios há uma grande relevância da empresa Stefanello enquanto no VAB industrial participa com pouco mais de 1% do valor total adicionado.

Palavras-Chave: Laticínio. Empregos. Mercado alimentício. Faturamento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ponto de tangência entre isoquanta e isocusto, onde ocorre a minimização dos custos	24
Figura 2 – Mapa COREDE no estado do Rio Grande do Sul	46
Figura 3 – Logotipo que representa a empresa.....	50
Figura 4 – Foto da fachada da empresa Laticínio Stefanello	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Economias e deseconomias de escala	26
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução das classes ano a ano, em milhões de pessoas	33
Gráfico 2 – Consumo <i>per capita</i> de produtos Lácteos, Litro/Habitantes	34
Gráfico 3 – Valor de vendas dos dois princípios lácteos do Brasil, em bilhões de reais.....	35
Gráfico 4 - Exportações brasileiras de 2009 a 2019, em milhões de litros	39
Gráfico 5 – Distribuição do volume das exportações brasileiras entre países de destino em 2019.....	40
Gráfico 6 – Países que mais exportam produtos Lácteos para o Brasil, em % do total das importações brasileiras.....	42
Gráfico 7 – <i>Déficit</i> da balança comercial brasileira no período de 2009 a 2019 (em milhões de litros)	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução no consumo de lácteos no Brasil, em milhões de toneladas ...	35
Tabela 2 - Participação das regiões geográficas no total de volume de leite adquirido pelas indústrias brasileiras nos anos de 2000, 2010 e estimativa de 2020.	37
Tabela 3 - Exportações brasileiras de 2009 a 2019, em milhões de litros	39
Tabela 4 – Importações brasileiras no período de 2009 a 2019 em milhões de toneladas.....	41
Tabela 5 – População por município da região do CODEMAU	46
Tabela 6 – Estrutura Produtiva do Médio Alto Uruguai – 2017.....	48
Tabela 7 – Classificação CNAE do setor de Laticínios.....	50
Tabela 8 – Quantidade de empregos gerados do setor de laticínios e Laticínio Stefanello na região do Médio Alto Uruguai e estado do Rio Grande do Sul	52
Tabela 9 – VAB industrial do setor de laticínios e da Laticínio Stefanello em Rodeio Bonito e Médio Alto Uruguai.....	54

LISTA DE SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira da Indústria de Alimentos
ABVL	Associação Brasileira da Indústria de Lácteos Longa Vida
CNAE	Classificação Nacional de Atividade Econômica
CODEMAU	Conselho Regional de Desenvolvimento Médio Alto Uruguai
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
FAO	<i>Food and Agriculture Organization</i>
FGV	Fundação Getulio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEDE	Infraestrutura Estadual de Dados Espaciais
PIA	Pesquisa Industrial Anual
PIB	Produto Interno Bruto
Riispoa	Regulamento na Inspeção Industrial e Sanitária de Origem Animal
TMST	Taxa Marginal de Substituição Técnica
UHT	Ultra Pasteurizado
VAB	Valor Acrescentado Bruto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2	DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES	15
1.2.1	Hipótese principal	15
1.2.2	Hipóteses secundárias	15
1.3	JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA.....	16
1.4	DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	16
1.4.1	Objetivo geral.....	16
1.4.2	Objetivos específicos.....	16
1.5	METODOLOGIA.....	17
2	TEORIA DA PRODUÇÃO	18
2.1	TEORIA DA FIRMA	18
2.1.1	Rendimento de Escala	20
2.1.2	Custos	21
2.1.3	Economia de Escala.....	25
2.1.3.1	Economia de Escala Interna e Externa	26
2.1.4	Maximização dos Lucros	27
3	ANÁLISE DO MERCADO DE LATICÍNIOS NO CONTEXTO DA ECONOMIA BRASILEIRA.....	30
3.1	A EVOLUÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DO LEITE....	30
3.2	O MERCADO CONSUMIDOR BRASILEIRO.....	32
3.3	O MERCADO DE OFERTA	36
3.3.1	Mercado Interno.....	36
3.3.2	Mercado Externo	38
3.3.2.1	Exportações.....	38
3.3.2.2	Importações.....	41
3.3.2.3	Balança Comercial	43

4	A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA LÁCTEA PARA A ECONOMIA DA REGIÃO DO MÉDIO ALTO URUGUAI.....	45
4.1	REGIÃO DE INSERÇÃO DA EMPRESA LATICÍNIOS STEFANELLO ...	45
4.2	CARACTERIZAÇÃO DA LATICÍNIO STEFANELLO	50
4.2.1	Histórico da Empresa.....	51
4.3	RELEVÂNCIA ECONÔMICA DA LATICÍNIO STEFANELLO PARA A REGIÃO	52
5	CONCLUSÃO	55
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

A indústria de alimentos foi pioneira no ramo na produção industrial no Brasil. O setor alimentício está desenvolvendo uma participação cada vez maior na economia brasileira. O mesmo é separado entre onze setores, sendo o setor de laticínios um dos mais importantes pilares da indústria de alimentos.

Na década de 1990, houve um processo de desregulamentação do mercado nacional e da abertura do comércio, com a quebra do tabelamento de preços e do protecionismo, assim obrigou muitas indústrias e produtores a se adaptarem a um mercado competitivo em preço e uma qualidade maior que a oferecida até então no mercado nacional.

Após isso muitas multinacionais chegaram ao Brasil, e o setor lácteo teve um grande crescimento no número de empresas e produtores, sendo atualmente a principal fonte de renda de muitas famílias. Apesar das indústrias de laticínios estarem entre as empresas que mais faturam no ramo alimentício, o processo de produção ainda é muito manual, isso implica em uma falta de padrão dos produtos feitos, existem muitas tecnologias a fim de automatizar processos, porém as mesmas tem um custo elevado o que afasta a automatização de muitas pequenas e médias indústrias.

Diante disso, o exposto trabalho tem como objetivo apresentar a importância da indústria láctea para a região do Médio Alto Uruguai.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A indústria de alimentos desempenha um importante papel na economia brasileira, processa mais da metade de toda a produção agropecuária do mercado, mantendo uma participação superior a 9,2% no Produto Interno Bruto (PIB).

Na mesma direção, as empresas do ramo lácteo trazem um crescimento quase que constante no faturamento líquido. Em 2018, obteve um resultado duas vezes maior no faturamento, se comparado ao ano de 2010 e mostrou uma participação de 10,47% da receita da indústria alimentícia (ABIA/2019).

No Brasil, a primeira indústria capaz de produzir produtos derivados do leite foi aberta apenas no século XIX, por Carlos Pereira de Sá Fortes, audaciosamente importando maquinário da Holanda para começar a produção em Minas Gerais.

Dois séculos depois, as indústrias de laticínios pluralizam e hoje é a principal fonte de renda de muitas agroindústrias familiares no Brasil.

Atualmente há aproximadamente 12.320 indústrias regularizadas, Minas Gerais, o estado anfitrião, lidera o ranking com 2.511 empresas, quase o dobro do segundo colocado São Paulo com 1.341 indústrias, seguido de Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul.

Diante do exposto, o presente projeto pretende responder às seguintes questões:

- a) qual a evolução das características do mercado do leite?
- b) o que mudou após a desregulamentação do mercado em 1990?
- c) qual a importância dos empregos gerados pela Laticínio Stefanello para a região?
- d) qual a importância da Laticínio Stefanello para o município de Rodeio Bonito?
- e) qual a relevância da participação do valor adicionado bruto industrial da Laticínio Stefanello para a região do Médio Alto Uruguai?

1.2 DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

1.2.1 Hipótese principal

Pela sua importância para a cidade de Rodeio Bonito, a Laticínio Stefanello atingiu certa significância para a economia da região do Médio Alto Uruguai.

1.2.2 Hipóteses secundárias

- a) o mercado do leite mudou suas características no decorrer dos anos a partir de 1940;
- b) após a desregulamentação do setor em 1990 o Brasil recebeu muitas multinacionais do setor lácteo;
- c) a partir dos anos 90, houve uma maior abertura de pequenas empresas do ramo lácteo;
- d) a Laticínio Stefanello é de suma importância para o município de Rodeio Bonito;

- e) a empresa é responsável por uma importante parte do VAB industrial da região.

1.3 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA

O ramo de alimentos está cada vez mais presente na economia brasileira. Sendo dividido por setores, o setor de produção de laticínios é um dos pilares dessa indústria, ocupando cada vez mais espaço no faturamento ano após ano.

Há mais de 60 anos a produção de leite no Brasil vem crescendo a uma taxa média de 550.000 toneladas ao ano, mas ainda está longe de todo potencial instalado, a produção média nacional por vaca brasileira é de 2.450 quilos de leite por ano, um volume baixo, 55% menos se comparado a média nacional da Nova Zelândia.

A cadeia produtiva do leite é um dos setores que mais empregam no Brasil, hoje há aproximadamente 1.2 milhões de produtores que tem a produção de leite como sua fonte de renda principal contando com as indústrias de laticínios mais de 4 milhões de pessoas são empregadas nesse setor obtendo em 2018 um faturamento de R\$ 68.7 bilhões de reais (ABIA/2019).

Diante disso o trabalho se justifica por abordar a importância da indústria láctea para a região do Médio Alto Uruguai.

1.4 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Analisar a importância da indústria Laticínio Stefanello para a economia da região do Médio Alto Uruguai.

1.4.2 Objetivos específicos

- a) mostrar a evolução das características do mercado do leite;
- b) analisar o que mudou após a desregulamentação do mercado em 1990;
- c) evidenciar a importância dos empregos gerados pela Laticínio Stefanello para região;
- d) apresentar a importância da empresa para o município de Rodeio Bonito;
- e) constatar a relevância do VAB industrial gerado pela empresa.

1.5 METODOLOGIA

É comentado por Klein (2015, p. 17), que no momento que se define o método, a pesquisa irá delimitar sua estratégia de pesquisa, escolhendo os procedimentos técnicos que serão utilizados na investigação científica.

Há diversos meios para ser escolhido qual o método a ser utilizado, mas tudo depende da natureza do fenômeno investigado, do paradigma adotado pelo pesquisador, questões de pesquisa, objetivo, hipótese ou proposição de estudo e por fim das condições práticas de realização de estudo.

Este trabalho está estruturado de forma que, primeiramente, irá apresentar a teoria da produção logo, no capítulo dois mostrado seus principais conceitos e sua importância no dia a dia para uma boa gestão empresarial. O capítulo três expõe um panorama econômico das indústrias de laticínios no Brasil, apresentando sua evolução desde o trabalho manual em 1940 até a produção automatizada e em larga escala.

No capítulo quatro foi desenvolvido o estudo de caso bem como a apresentação de valores como faturamento, impostos pagos, empregos gerados entre outros fornecidos pela empresa.

2 TEORIA DA PRODUÇÃO

Os princípios da Teoria da Produção são fundamentais para a análise dos preços e do emprego dos fatores produção, assim como de sua alocação entre os diversos usos alternativos na economia.

Para produzir, as empresas devem fazer escolhas quanto à utilização de insumos a nível de produção, ao iniciar o processo de produção, as mesmas se deparam com vários fatores variáveis, que vão desde o orçamento da empresa ao público-alvo.

Diante do exposto o presente capítulo tem como objetivo apresentar os aspectos fundamentais da teoria da produção.

2.1 TEORIA DA FIRMA

A firma é uma entidade legal, que em uma economia capitalista trata de ofertar bens e serviços. As firmas são propriedades privadas, e são os proprietários que tomam as decisões e que também respondem pelos resultados, sendo eles positivos ou negativos. Varian (2003) alerta que em empresas de capital aberto, geralmente os gestores não são os proprietários. Mas nesses casos há sempre um conselheiro indicado pelos acionistas que busca unir os objetivos dos administradores, com os objetivos dos proprietários.

Após o ano de 1990 a competição entre as empresas pela busca de novos mercados tem provocado uma mudança no perfil de seus gestores. Para que elas alcancem hegemonia no mercado em que atuam, necessitam oferecer produtos ou serviços de qualidade e preços competitivos. Para que isto seja alcançado, as empresas necessitam otimizar os recursos produtivos em suas atividades.

A teoria da firma mostra como uma empresa toma decisões de produção com base na minimização dos custos e como eles variam com o volume produzido, usando a função de produção. Esta aborda como as empresas podem transformar os insumos em produtos de vários modos, usando várias combinações de mão de obra, matéria prima e capital.

As funções de produção descrevem o que é tecnicamente viável quando a empresa opera eficientemente, ou seja, quando utiliza cada combinação de insumos da forma mais eficaz possível. A suposição de que a produção seja sempre tecnicamente eficiente não é constantemente válida; porém, é

razoável esperar que empresas que busquem lucros não desperdicem recursos (PINDYCK e RUBINFELD, 2006, p.161).

Dada as preferências e as restrições orçamentárias da empresa, os gestores podem escolher combinação de bens para maximizar sua satisfação e objetivos da empresa em questão.

Segundo Pindyck e Rubinfeld (2006), as decisões das empresas sobre a produção são semelhantes às dos consumidores sobre a compra de bens e, da mesma maneira, podem ser entendidas em três etapas, sendo elas:

- a) tecnologia em produção: com o passar dos anos a tecnologia vem facilitando cada vez mais a forma como se transforma insumos (mão de obra, capital, matéria prima) em bens e produtos (carros e televisores). Assim a empresa pode gerar diferentes tipos de produção e combinações de insumos. Sendo assim um fabricante de eletrônicos pode utilizar uma grande quantidade de mão de obra para a fabricação de 10 mil unidades de televisão ao mês e pouco capital ou pode construir uma empresa com grande capital intensivo, totalmente automatizada e usando pouca mão de obra;

É costume definir-se função de produção como sendo relação que indica quanto se pode obter de um ou mais produtos, a partir de uma dada quantidade de fatores. Então, dado, num certo instante, o fluxo de fatores $s_1, s_2, \dots, s_n$, qual o fluxo x de produto que se pode obter? (SIMONSEN, 1989, p. 227).

- b) restrições de custos: as empresas também levam em conta o preço do trabalho, capital e de outros insumos. Do mesmo modo que os consumidores estão restritos ao seu orçamento na hora da aquisição de um bem, as empresas também devem se preocupar com o custo de produção. Uma empresa que, por exemplo, produz 10 mil televisores por mês vai querer produzir de forma que minimize os custos totais de produção, qual o preço dos insumos afeta diretamente;
- c) escolha dos insumos: depois da tecnologia de produção adotada, o custo dos insumos e do trabalho a empresa precisa decidir quanto de cada insumo irá usar no seu processo produtivo. A empresa deve levar em conta o preço de diferentes insumos ao decidir a quantidade de cada um que será usado.

Observa-se que essas três etapas são importantes pois uma empresa que não se adapta às novas tecnologias do mercado, ao custo de produção e faz uma boa escolha dos insumos não consegue perdurar no setor competitivo.

2.1.1 Rendimento de Escala

O conceito de rendimento de escala define a forma com que a quantidade produzida aumenta conforme vão se agregando mais fatores de produção, fazendo-se assim um bom equilíbrio entre produção e insumos.

Varian (2003) descreve os rendimentos de escala como a variação do produto com a variação de todos os insumos, mantendo a proporção. Os rendimentos de escala descrevem o que acontece quando se aumentam todos os insumos por algum fator constante.

A escala é o nível de produção da firma, a quantidade produzida em si. Os rendimentos de escala não são necessariamente constantes, eles podem variar conforme o nível de produção. Quando a produção é ainda baixa os rendimentos em escalas tendem a ser crescentes e quando a quantidade produzida passa a um nível mais alto a tendência passa a ser constantes ou até mesmo decrescentes.

Segundo Pindyck e Rubinfeld (2013) os rendimentos de escala são definidos em três situações, sendo elas:

- a) rendimento crescentes de escala: acontece quando a produção aumenta proporcionalmente ao aumento da quantidade de insumos utilizados. A ideia dos rendimentos em escala não leva em consideração qualquer alteração que a tecnologia emprega, ela apenas define a relação entre insumos e produto;
- b) rendimentos constantes de escala: significam um aumento proporcional da produção e dos insumos;
- c) rendimentos decrescentes de escala: constituem em um aumento de produção menos que proporcional ao aumento dos insumos.

A função de produção de uma empresa pode apresentar diferentes tipos de retornos para escalar em diferentes faixas de produção, cabendo assim a empresa escolher e se adaptar ao que melhor satisfaz seus objetivos no mercado.

Segundo Wessels (2010), à medida que as empresas crescem tornam-se mais difíceis de serem administradas com eficiência, visto que por mais que os insumos

para produção aumentam, a capacidade intelectual e física do gestor não é capaz de acompanhar.

O conceito de rendimentos de escala diz muito sobre determinada empresa, pode-se afirmar que uma empresa tomadora de preço tem benefícios no aumento de sua produção quando tem rendimentos crescentes de escala. Se a produção aumenta mais que proporcionalmente em relação aos insumos, então esta empresa terá custos cada vez menores conforme sua produção aumenta.

Segundo Browning (2004), especialização do trabalho, tecnologia em larga escala e outras relações aritméticas, são importantes ações que corroboram para uma taxa de rendimentos crescentes em escala.

Os fatores que definem os rendimentos em escala variam de empresa para empresa e de setor para setor, mas as ações citadas são práticas que podem resultar para um rendimento em escala satisfatório.

2.1.2 Custos

Os custos de produção são o resultado obtido quando se calcula o preço do insumo utilizado juntamente com a quantidade e combinação deles. Os custos irão afetar as escolhas dos produtores no momento de decidir quais tecnologias irão empregar na produção.

Martins (2001) descreve que custo é o esforço financeiro despendido para a aquisição de um bem ou serviço utilizado na produção de outro bem ou serviço, ou seja, é um recurso que é despendido em troca de um determinado fim.

Porém, os custos não são apenas aqueles desembolsáveis, há também os custos de oportunidade, que não são explícitos. Os custos de oportunidade consideram que os recursos aplicados em determinado negócio, poderiam ser alocados de outra maneira mais eficiente. Pelo fato de haver custos de oportunidade, logicamente, há a liberdade de escolha dos produtores ao alocar seu capital em um empreendimento.

Existem também os custos irreversíveis, estes não podem ser recuperados e retratam investimentos já desembolsados pela empresa. Os custos irreversíveis não devem ser levados em consideração na tomada de decisão da empresa porque os mesmos são irrecuperáveis. Geralmente há custos irreversíveis em empreendimento com alta especialização, onde, por exemplo, o investimento em um determinado

equipamento, em que o equipamento tem funções muito particulares e não pode ser empregado em outra empresa. Nestes casos os custos e benefícios de investir devem ser levados em consideração antes da tomada de decisão, porque depois de feito o investimento não há como recuperar o que foi gasto.

Embora os custos de oportunidade estejam frequentemente ocultos, eles deveriam ser sempre levados em consideração quando se tomam decisões econômicas. Exatamente o oposto ocorre em relação aos custos irreversíveis: um gasto que foi feito e não pode ser diretamente recuperado. Os custos irreversíveis geralmente são visíveis, mas deveriam ser sempre ignorados quando se tomam decisões econômicas (PINDYCK e RUBINFELD, 2006, p.182).

O custo total de uma empresa é formado pela soma dos custos fixos com os custos variáveis. Os custos fixos não se alteram com o nível de produção da firma e só deixam de existir com o total encerramento das atividades econômicas da empresa. Os custos fixos não devem ser confundidos com os custos irreversíveis porque os custos fixos devem ser levados em consideração nas decisões quanto à produção, diferente dos custos irreversíveis. Contrariamente dos custos fixos os custos variáveis variam conforme o nível de produção da empresa se altera.

Segundo Pindyck e Rubinfeld (2013), para decidir quais insumos e em que quantidade eles serão usados no processo produtivo é importante compreender dois conceitos de custos econômicos: custo médio e custo marginal. O custo marginal significa quanto a mais será gasto para produzir uma unidade a mais de produto. O custo médio total corresponde qual o custo para uma unidade de produto.

Custo marginal [...] é o aumento de custo ocasionado pela produção de uma unidade adicional de produto. Uma vez que o custo fixo não apresenta variação quando ocorrem alterações no nível de produção da empresa, o custo marginal é apenas o aumento no custo variável ou o aumento no custo total ocasionado por uma unidade extra de produto (PINDYCK e RUBINFELD, 2013, p.227).

$$CMg = \frac{\Delta CV}{\Delta Q} = \frac{\Delta CT}{\Delta Q} \quad (2.1)$$

Onde:

CMg Custo marginal;

ΔCV Diferença marginal do custo variável;

ΔQ Diferença marginal da quantidade produzida;

ΔCT Diferença marginal do custo fixo.

$$CT = CF + CV \quad (2.2)$$

Onde:

CT Custo total;

CF Custo fixo;

CV Custo variável.

$$CMe = \frac{CT}{Q} \quad (2.3)$$

Onde:

CMe Custo médio;

CT Custo total;

Q Quantidade produzida.

Há também o custo fixo médio, que tende sempre a diminuir conforme a produção aumenta, isto porque os custos fixos são sempre os mesmos.

$$CFMe = \frac{CF}{Q} \quad (2.4)$$

Onde:

CFMe Custo fixo médio;

CF Custo Fixo;

Q Quantidade produzida.

O custo variável médio, que considera apenas o custo variável, terá seu comportamento definido pelas economias ou deseconomias de escala.

$$CVMe = \frac{CV}{Q} \quad (2.5)$$

Onde:

CVMe Custo variável médio;

CV Custo variável;

Q Quantidade produzida.

Caso haja economias de escala, o custo variável médio decresce à medida que a firma aumenta sua produção, havendo deseconomias de escala os custos médios tendem a crescer, à medida que a firma aumenta sua produção.

A linha de isocusto é todas as possíveis combinações de insumos que podem ser adquiridas com determinado custo total. No caso de haver apenas dois insumos a linha de isocusto terá inclinação igual a divisão do preço de um insumo pelo outro.

$$\frac{\Delta K}{\Delta L} = -(W/r) \quad (2.6)$$

Onde:

ΔK Diferença marginal do capital;

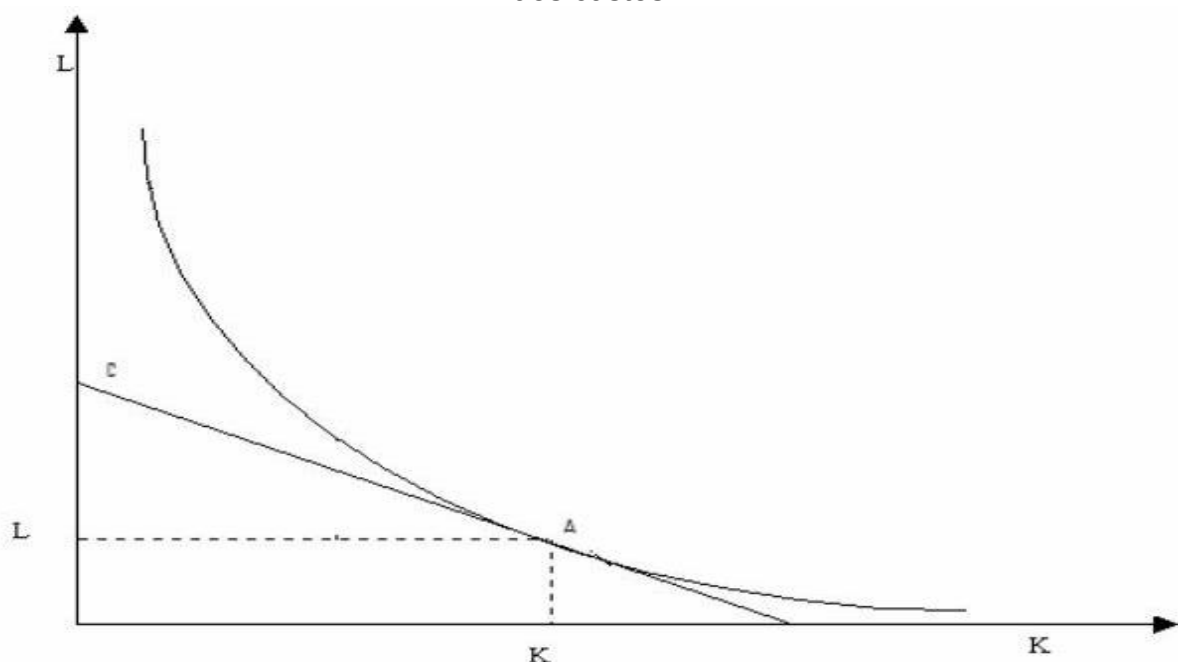
ΔL Diferença marginal do trabalho;

W Custo do trabalho;

r Custo do capital.

A inclinação da linha de isocusto, junto com a isoquanta, definirá o ponto de maximização dos lucros. O ponto de tangência entre as duas curvas define o ponto de otimização no uso dos insumos.

Figura 1 - Ponto de tangência entre isoquanta e isocusto, onde ocorre a minimização dos custos



Fonte: Pindyck e Rubinfeld (2006).

A curva C é a linha de isocusto, o ponto A é o ponto em que a curva C tangencia a isoquanta. O ponto A será o ponto de minimização dos custos, e consequentemente maximização dos lucros.

2.1.3 Economia de Escala

Quando uma empresa consegue aumentar sua produção mais do que proporcionalmente ao incremento do seu custo de produção devido à maior demanda ocorre então economias de escala, logo, um aumento de produção resultará em uma queda do custo médio. Caso a empresa em questão apresenta um aumento maior de custos do que de produção, proporcionalmente, irá ocorrer deseconomias de escala e seu custo médio aumentará.

Segundo Seldon e Penance (1977), ganhos que se verificam no produto e/ou nos seus custos, quando se aumenta a dimensão de uma fábrica, de uma loja ou de uma indústria. Logo quando há uma organização no processo produtivo a fim de alcançar uma máxima utilização dos fatores para assim obter vantagens no produto e em seu custo para produzi-lo.

As economias ou deseconomias de escala refletem a relação entre a escala de produção da empresa e a função de custo. Os conceitos de economias e deseconomias de escala estão ligados ao conceito de rendimentos de escala, porém este abrange um número maior de fatores, onde há vários fatores e combinações dos insumos usados para a produção, a fim de chegar ao objetivo da empresa.

Um exemplo de uma indústria que opera em economia de escala é o referente às empresas da área de *software*. Nela seu maior custo é o de desenvolvimento de um programa, já o custo para copiá-lo e comercializá-lo novamente é ínfimo, logo um aumento da produção dilui o custo de desenvolvimento, resultando assim em um custo médio menor por produto comercializado.

Segundo Pindyck e Rubinfeld (2006), as economias e deseconomias de escala podem ser explicadas pelos seguintes fatores mostrados no quadro 1.

Quadro 1 – Economias e deseconomias de escala

Economia de escala	Deseconomia de escala
Se a empresa operar numa escala maior, os funcionários podem se especializar nas atividades em que são mais produtivos	Pelo menos no curto prazo, os funcionários terão dificuldade para fazer um trabalho eficaz por causa dos fatores como espaço e maquinaria
A escala pode flexibilizar. Ao dosar as combinações dos insumos utilizados na produção, os administradores podem organizar o processo produtivo de maneira mais eficaz	À medida que o número de tarefas aumenta, a gestão para uma empresa maior pode se tornar mais complexa e ineficiente
Por comprar insumos em grandes quantidades e, assim, ter maior poder de negociação, a empresa pode consegui-los a preço mais baixo. Se os administradores aproveitarem os insumos de menor custo, o mix de insumos pode mudar conforme sua escala	As vantagens de comprar em grandes quantidades podem desaparecer quando certo limite for atingido. Em determinado ponto, a oferta de insumos essenciais pode se tornar restrita, o que vai impulsionar o preço deles

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações dos autores Pindyck e Rubinfeld (2006).

Entende-se então que a empresa pode optar por maximizar seus lucros quando foca na minimização dos custos de produção, porém, automaticamente quando minimizado seus custos seu lucro é automaticamente maximizado.

2.1.3.1 Economia de Escala Interna e Externa

A economia de escala pode ser interna ou externa, a economia de escala interna ocorre quando uma empresa aumenta sua produção para reduzir seus custos, esse foi o tipo citado anteriormente. Já a economia de escala externa está ligada a fatores na maioria dos casos, referem-se à competitividade do país em que a indústria ou loja reside. Pode-se usar de exemplo uma nova malha logística, redução do custo de energia elétrica ou a produtividade de um funcionário.

O oposto de economia de escala são a deseconomia de escala, que também são internas ou externas. São deseconomias de escala, por exemplo, quando uma empresa expande seu tamanho além do ideal, fazendo assim aumentar seus custos e valores unitário dos produtos vendidos. Já deseconomias de escalas externas acontecem quando a expansão daquele setor no mercado se torna prejudicial para uma ou mais empresas que atuam nele, citando como exemplo o aumento da demanda por mão de obra qualificada e em decorrência disso seu encarecimento.

2.1.4 Maximização dos Lucros

Toda empresa bem estruturada procura maximizar seus lucros indo de encontro com o objetivo da satisfação de seus proprietários e acionistas. Em um mercado competitivo, onde as empresas do setor são tomadoras de preço, cabe a elas definir o nível de produção a fim de buscar a maximização do lucro.

Segundo Pindyck e Rubinfeld (2013), empresas que não conseguem se aproximar da maximização dos lucros provavelmente não sobreviverão. As que sobrevivem em setores competitivos tornam o planejamento de lucros no longo prazo uma de suas mais altas prioridades. Isso se dá devido há possibilidade de o administrador da empresa estar preocupado demais com o lucro no curto prazo em detrimento do lucro no longo prazo.

O lucro é a diferença entre as receitas e os custos, sendo assim as empresas escolhem o nível de produção onde esta diferença é maximizada. No ponto em que o lucro é maximizado, a receita marginal e o custo marginal se igualam. Quando uma empresa é tomadora de preço a sua receita marginal sempre será a mesma, independentemente do nível de produção.

No curto prazo, ao chegar a um determinado nível de produção, a empresa pode apresentar deseconomia de escala, e seu custo marginal será cada vez maior que o custo médio. Quando se chega ao ponto em que o custo de produzir uma unidade for maior que a receita obtida na venda, não haverá mais motivos para a empresa continuar produzindo, pois para esse nível de produção a empresa apresentará redução de ganhos.

Segundo Vasconcelos (2002), pode-se observar que a regra de maximização do lucro exige que a firma tenha informações detalhadas não só sobre seus custos, mas também sobre as receitas previstas, logo, sobre a demanda do seu produto.

Deve-se ressaltar que o ponto de maximização do lucro não é necessariamente o ponto de menor custo médio, porém equivalente ao ponto onde a distância entre a receita total e o custo total é a máxima possível. O custo médio, juntamente com a quantidade produzida, definem o custo total.

$$CT = CMe(Q) \quad (2.7)$$

Onde:

CT Custo total;

CMe Custo médio;

Q Quantidade produzida.

A quantidade produzida, multiplicada pelo preço unitário, define a receita total.

$$RT = P(Q) \quad (2.8)$$

Onde:

RT Receita total;

P Preço unitário;

Q Quantidade produzida.

Uma ótima combinação de insumos define o ponto de produção que maximiza o lucro. Wessels (2010), afirma que quanto mais tempo um produtor dispuser para planejar e adquirir a melhor combinação de insumos, menor será o custo unitário do bem. Cada orçamento da empresa apresenta uma curva de isocusto, ou seja, várias combinações de insumos que representam o mesmo gasto.

Por outro lado, a melhor combinação será também quando o custo marginal para cada insumo se iguala. Ou seja, a produção de uma unidade custará o mesmo valor somando a quantidade necessária de cada insumo. Simplificando esse conceito, pode-se utilizar a abordagem da taxa marginal de substituição técnica. A taxa marginal de substituição técnica (TMST), é definida como a taxa pela qual um insumo pode ser substituído por outro, mantendo constante produção, sendo então a relação entre as produtividades marginais dos insumos. No caso de dois insumos, seriam eles capital (K) e trabalho (L), logo:

$$TMST_{L,K} = PMg_K(K,L)\Delta K + PMg_L(K,L)\Delta L = \Delta Q = 0 \quad (2.9)$$

Onde:

TMST Taxa marginal de substituição técnica;

L Unidade de trabalho;

K Capital;

PMg_k Produto adicional no gasto de mais uma unidade de capital;

ΔK Diferença marginal do capital;

ΔL Diferença marginal do trabalho;

ΔQ Diferença marginal da quantidade.

A TMST decresce ao longo da curva de isoquanta. O ponto onde a curva de isoquanta é tangente a curva de isocusto, que apresenta a relação entre o preço dos insumos, é o ponto ótimo de combinação dos insumos. Ou seja, a empresa obtém a combinação ótima de insumos que minimiza o custo para uma dada produção, ou maximiza a produção para um dado custo dos insumos.

$$\frac{PMg_L}{w} = \frac{PMg_K}{r} \quad (2.10)$$

Onde:

PMg_L Produto adicional no gasto de mais uma unidade de trabalho;

W Custo do trabalho;

PMg_K Produto adicional no gasto de mais uma unidade de capital;

R Custo do capital;

No capítulo três, será apresentado a análise realizada sobre o cenário do mercado lácteo no Brasil, demonstrando o seu desenvolvimento na esfera socioeconômica.

3 ANÁLISE DO MERCADO DE LATICÍNIOS NO CONTEXTO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Pela grande área territorial e clima ideal o Brasil se torna um país com ótimas condições para a produção de leite e seus derivados, após várias regulações e normas e conseqüentemente suas quedas em 1990 o país começou a receber multinacionais e se adaptar à nova realidade do mercado.

Após três décadas desde a desregulamentação do mercado, hoje a cadeia produtiva do leite é um dos setores que mais empregam no país, só no setor primário há aproximadamente 1.3 milhões de famílias que têm na produção do leite sua principal fonte de renda.

O leite é uma das *commodities* agropecuárias mais importantes do mundo e todos os dias, bilhões de pessoas consomem leite no mundo, nas suas mais diversas formas. Em média, 116,5 equivalentes quilogramas de leite são consumidos por cada brasileiro por ano e essa quantidade tem aumentado a taxas de 1,2% ao ano.

Diante do exposto o presente capítulo tem por objetivo realizar uma análise do mercado de laticínios no contexto da economia brasileira.

3.1 A EVOLUÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO MERCADO DO LEITE

O mercado de leite e derivados teve muita irregularidade ao longo do tempo, o maior responsável por isso foi o tabelamento dos preços dos produtos desde 1945, ano em que se iniciou apenas na Capital Federal com o objetivo de amparar a produção do leite destinado a demanda do Distrito Federal, posteriormente esse tabelamento foi ampliado aos outros estados até alcançar todo o país.

O primeiro marco de organização da produção leiteira foi em 1952, quando Getúlio Vargas aprovou um decreto que regulamenta a inspeção industrial e Sanitária de produtos de origem animal (Riispoa), aplicado em estabelecimentos que realizam venda interestaduais ou internacionais, tornando obrigatório a pasteurização¹ do leite. Obrigação essa que a maioria dos produtores informais não aderiram, pelo alto custo na aquisição de maquinário para isso, sendo que continuaram a produzir seus produtos utilizando o leite cru.

¹Pasteurização é o processo de esterilização de alimentos que consiste em expô-los a uma temperatura inferior a seu ponto de ebulição e submetê-los em seguida a resfriamento súbito, a fim de eliminar certos microrganismos nocivos.

A partir de 1956, com a intensificação dos processos de industrialização brasileiro, sendo esta consequência da política desenvolvimentista do então presidente Juscelino Kubitschek, houve uma grande migração de famílias e produtores leiteiros da área rural para suprir a demanda por mão de obra das indústrias urbanas.

O então êxodo rural ocorreu de uma forma mais intensa entre os anos de 1960 e 1990, enquanto o meio rural perdia produtores e tinha seu trabalho muito manual, as indústrias se adaptaram e melhoraram seus processos através da tecnologia, o leite passou a ter mais processos para o melhoramento de sua qualidade e os produtos derivados do leite tiveram muitas etapas automatizadas.

A crescente introdução destes processos produtivos do setor agropecuário deu início à chamada industrialização da agricultura no Brasil. Por industrialização da agricultura entende-se aqui a adaptação dos processos produtivos da indústria de transformação aos processos produtivos do setor agropecuário (SZMECSÁNYI, 1998, p. 72).

Houve então um dualismo tecnológico, enquanto o setor urbano era tecnológico e automatizado a área rural se mantinha atrasada e necessitando de muito trabalho manual, isso afetou diretamente no setor leiteiro, as grandes industriais com poder de investimento compravam fazendas tecnológicas e mantinham um processo automatizado desde a retirada do leite da vaca até a produção do produto final, enquanto os produtores da área rural mantinham o mesmo processo de produção.

O estado que menos sofreu com essa migração no ramo lácteo, foi o estado de Minas Gerais, desde a época do Brasil Império, quando os portugueses trouxeram queijos e outros produtos lácteos para o país, viram o estado com condições geográficas e ambientais favoráveis para a produção. Essa tradição passou de geração para geração de famílias que lá habitavam, isso fez com que muitas permanecessem na área rural.

Na década de 80 o tabelamento de preços dos produtos lácteos foi prejudicial ao setor pois teve como consequência a falta de investimento na produção e também uma alta dependência das importações para o abastecimento do mercado nacional, essa alta demanda também fortaleceu o mercado informal de pequenos produtores que produziam os produtos em suas propriedades e conseguiam vendê-los a um preço inferior ao do tabelamento.

Na década de 90 com a queda do tabelamento de preços, abertura total ao mercado externo e também a criação do Plano Real em 1994 que controlou a inflação que era galopante, houve mudanças no mercado e perfil do consumidor, o que aumentou a demanda por consumo de leite e seus derivados. Porém, esse aumento não foi apenas por produtos nacionais, houve também uma boa aceitação dos produtos importados e um aumento ainda maior nos informais. Segundo Jank et al (1999), este considerável aumento no consumo pode ser atribuído, em grande parte, à instalação do Plano Real, aumentando assim, o poder aquisitivo da população.

Um estudo divulgado no ano de 2000 com o apoio da empresa de embalagens *Tetra Pak*² feito com os consumidores de produtos lácteos dos estados de Minas Gerais e São Paulo, mostrou as razões para o fato dos consumidores continuarem a consumir produtos informais. Essa escolha se devia ao quesito saúde (50%), por se tratar de um produto menos industrializado, seguido da aparência (24%) e praticidade (21%). Outro fator citado era o custo-benefício dos produtos informais, visto que os mesmos entregavam uma qualidade inferior aos importados ou nacionais na mesma proporção de seu preço (o consumo de leite informal no Brasil, 2000).

Outra mudança que ocorreu no mercado consumidor foi que com a chegada dos produtos lácteos importados, os mesmos possuíam uma maior qualidade nos insumos e conseqüentemente no seu produto final, fazendo com que as indústrias nacionais se adaptassem à nova realidade.

Com inúmeros programas de crédito disponíveis para pequenos e grandes produtores de leite, após os anos 2000 tornou-se comum a automatização nas propriedades, equiparando as grandes indústrias no quesito de qualidade e processos.

3.2 O MERCADO CONSUMIDOR BRASILEIRO

O leite é uma das *commodities* agropecuárias mais importantes do mundo, colocado entre os cinco produtos mais comercializados tanto na questão de quantidade quanto em valor segundo o Produto Interno Bruto (PIB, 2017), muito disso se deve a sua maleabilidade em ser comercializado em vários tipos, tamanhos e formas.

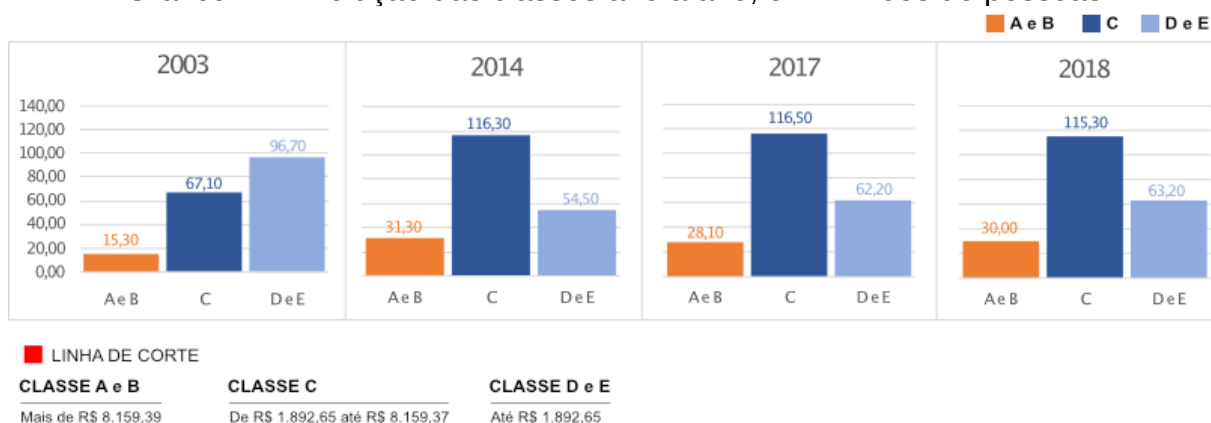
²Tetra Pak é uma empresa multinacional de origem sueca, que fabrica embalagens para alimentos.

Acredita-se que, a longo prazo, fatores como ambientais, culturais e socioeconômicos contribuem para estabelecer o padrão de consumo da população local. Há um consenso entre os autores que a renda é um dos principais fatores que determinam o padrão de consumo da população na área de ingestão de alimentos de proteína animal.

Segundo Carvalho (2011) o aumento da renda tem influência direta no aumento do consumo de laticínios nas diferentes regiões do Brasil. Porém, o consumo de lácteos não é somente influenciado pela renda, mas também varia de acordo com o patamar de renda familiar e com a região do país.

Nota-se a influência que a renda tem sobre o consumo de produtos lácteos, no Brasil ocorreu a partir dos anos de 2003 que contou com uma forte migração de pessoas de classes sociais D e E para a classe C, consequentemente aumentando seu poder econômico, como pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Evolução das classes ano a ano, em milhões de pessoas



Fonte: Elaborado pelo autor com os dados da FGV Social (2019).

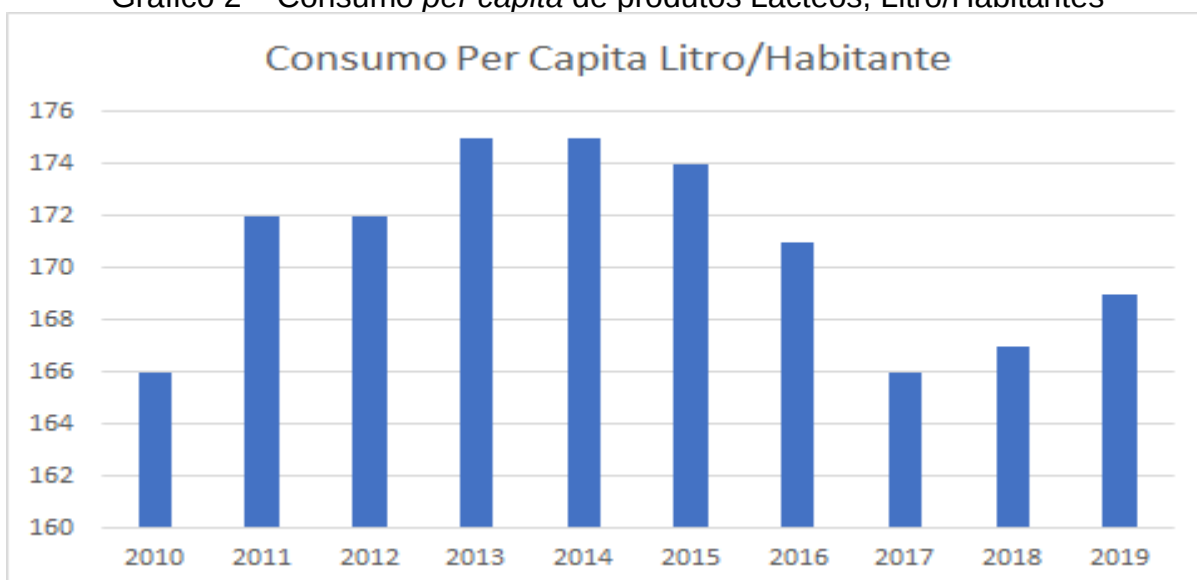
Esse aumento de pessoas na classe C e consequentemente no poder aquisitivo das famílias, se deve especialmente ao aumento do emprego formal no país, que duplicou após 2004 (FGV, 2010). Isso aconteceu em paralelo à diminuição de pessoas nas classes D e E, que foram reduzidas de 96,70 milhões de pessoas para 54,50 milhões de pessoas pouco mais de 10 anos depois.

Camarotti (2011) acredita também que a melhora da produção de leite e a diversificação de seus derivados no mercado é um fator que incentiva o aumento no consumo.

Com um faturamento de R\$ 68,7 bilhões em 2018, a indústria de laticínios brasileira é o segundo segmento mais importante na área alimentícia brasileira, ficando apenas atrás do setor de derivados da carne e tendo ultrapassado recentemente o segmento de café, chá e cereais (ABIA/2019).

Estima-se que no Brasil o consumo per capita no ano de 2019 foi de 169 litros por habitante, número que se encontra abaixo do consumo verificado em outros países desenvolvidos (média de 250-300 litros/habitantes) mesmo assim o total consumido é crescente até o ano de 2014 tendo um pequeno recuo até o ano de 2017 e voltando a subir após isso, conforme pode ser observado no gráfico 2.

Gráfico 2 – Consumo *per capita* de produtos Lácteos, Litro/Habitantes



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do IBGE, ABIQ, Estimativa ABLV (2019).

O nível de consumo brasileiro ainda é mediano, considerando a escala do gráfico anterior. Em 2019 o brasileiro consumiu o equivalente a 169 quilogramas de leite, o que corresponde a aproximadamente 463 gramas consumidas por habitante diariamente de produtos lácteos. tanto o Novo Guia Alimentar para a População Brasileira como o *Food and Agricultural Orgazination* (FAO) não estabelecem um nível ideal para ingestão de lácteos diariamente. Porém, o consumo *per capita* brasileiro está alinhado à quantidade recomendada por vários países no mundo (FAO, 2013).

No entanto, para que o ingestão de lácteos da população brasileira atingisse esse patamar de consumo de leite e derivados, o nível de consumo brasileiro cresceu

mais de 60% desde 1990, sendo que os produtos mais consumidos no país são leite longa vida e queijos como pode-se observar na tabela 1.

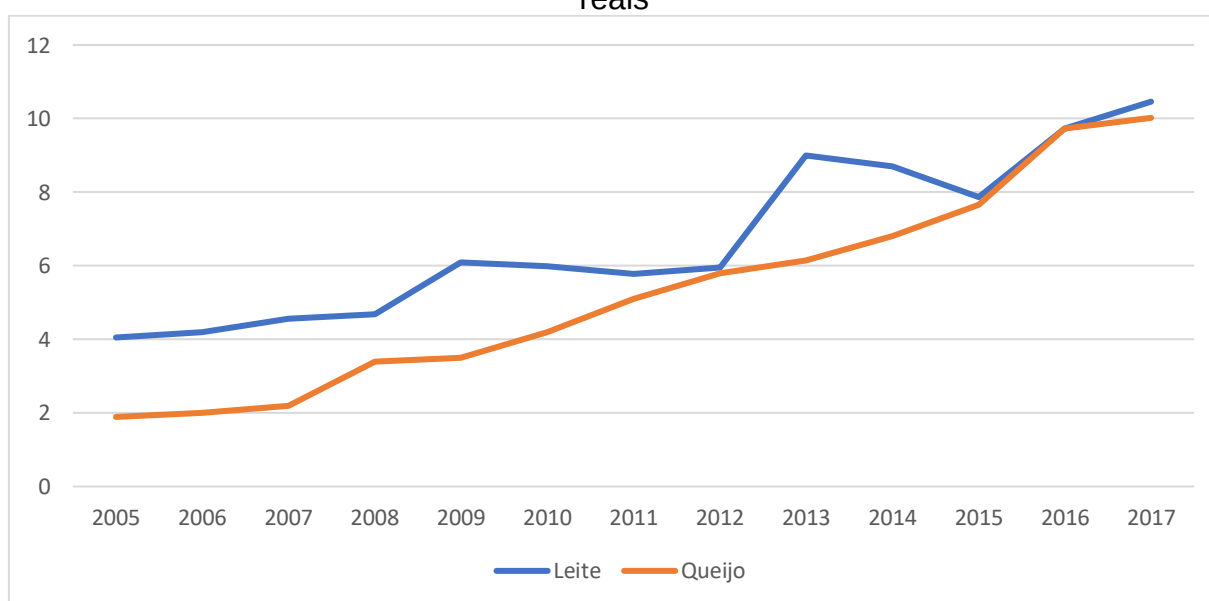
Tabela 1 – Evolução no consumo de lácteos no Brasil, em milhões de toneladas

Descrição	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Leite Pasteurizado	1.690	1.625	1.430	1.340	1.220	1.094	1.105	1.120	1.090	1.080
Leite UHT	5.455	5.818	6.132	6.385	6.600	6.730	6.832	7.026	6.880	6.858
Leite em Pó	5.615	6.099	6.252	6.370	6.260	6.340	6.607	6.638	6.708	6.853
Queijos	6.641	7.059	7.253	7.763	8.173	8.198	8.243	8.406	8.587	8.776
Demais Produtos	2.451	2.293	2.361	2.573	2.728	2.287	1.954	2.221	2.254	2.412
Total	21.852	22.894	23.428	24.431	24.981	24.649	24.741	25.411	25.519	25.979

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da ABLV (2019).

Segundo a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE (2019), o leite longa vida foi o 28º produto industrializado mais vendido no Brasil em 2018, no ramo alimentício, perdeu apenas para carnes, açúcar, cerveja e refrigerantes. Porém, apesar de ser o produto lácteo mais vendido no Brasil, os queijos têm mostrado taxas de crescimento nas vendas maiores nos últimos anos, como pode-se constatar no gráfico 3.

Gráfico 3 – Valor de vendas dos dois princípios lácteos do Brasil, em bilhões de reais



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do IBGE (2019).

Enquanto o valor de vendas de leite ultrapasteurizado (UHT) aumentou mais de 138% de 2005 a 2017, o valor agregado dos queijos se expandiu mais de 500%, chegando a ultrapassar as vendas do leite longa vida em 2016, porém, no ano de 2017 foi novamente ultrapassado pelo leite UHT. Quando se trata de volume de vendas, o leite UHT lidera com folga, no período analisado o mesmo teve um crescimento de 28% chegando a sete milhões de toneladas vendidas em 2017. Já os queijos atingiram a marca de 840 mil toneladas vendidas no mesmo ano. Essa grande disparidade entre as quantidades vendidas com a baixa diferença no valor total final mostra que o grupo dos queijos inclui produtos de maior valor agregado.

3.3 O MERCADO DE OFERTA

A seguir será abordado as características econômicas do mercado de lácteos brasileiro interno e externo, sua importância para a geração de emprego e renda para os brasileiros, assim como a necessidade de importar produtos para suprir abastecimento do mercado interno, exportações e balança comercial do setor.

3.3.1 Mercado Interno

A cadeia tanto agropecuária quanto industrial do leite é reconhecida como uma das mais importantes do mercado nacional, socialmente e economicamente, estando em todo território nacional, com papel relevante no suprimento de alimento, geração de emprego e renda para a população.

A pecuária bovina vem impulsionando o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, chegando a representar em 2012 quase 25% do PIB (Conab, 2013). Ainda que o Brasil tenha baixos índices de produtividade, a sua importância para a economia brasileiro é grande, visto que uma elevação na demanda por produto formal de lácteos em R\$ 1 milhão gera 195 novos empregos permanentes, superando a geração de empregos de outros setores tradicionais como o têxtil, construção civil e automobilístico. O setor leiteiro no país emprega cerca de 5 milhões de pessoas, contando com 1,3 milhões de pequenos produtores de leite (NETTO *et al.*, 2013).

Estando presente hoje em 99% dos municípios brasileiros, a atividade leiteira possui cerca de 2 mil indústrias de laticínios legalizadas a nível Federal e Estadual, e assistiu seu mercado se expandir em 80% nos últimos seis anos a partir de 2013

(Embrapa, 2019). Com um faturamento crescente quase que sucessivamente ano após ano, o faturamento do ramo Lácteo mais que dobrou desde o ano 2009, quando foi R\$ 33,1 bilhões. Teve seu pico de faturamento em 2017 com R\$ 70,2 bilhões, e recuou para R\$ 68,7 bilhões em 2018, ainda sem estimativa para o faturamento total do ano de 2019 (EMBRAPA, 2019).

Segundo Zoccal *et al.* (2008) e a Embrapa Gado de Leite (2012), a pecuária leiteira no Brasil tem características marcantes entre elas: sua produção ocorre em todo território, sendo essa produção para a subsistência de uma família no nordeste à produção intensiva de uma grande indústria, qualidade da matéria prima questionável e variado grau de instrução formal dos produtores. Dito isso, a tabela 2 apresenta a participação das regiões geográficas no total de volume de leite adquirido pelas indústrias brasileiras nos anos de 2000, 2010 e estimativa de 2020.

Tabela 2 - Participação das regiões geográficas no total de volume de leite adquirido pelas indústrias brasileiras nos anos de 2000, 2010 e estimativa de 2020.

Região	Ano (%)		
	2000	2010	2020
Sudeste	50,00	40,70	38,20
Sul	24,60	33,00	34,50
Centro-Oeste	15,40	14,60	14,00
Nordeste	5,20	5,80	8,00
Norte	4,80	5,90	6,00

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do IBGE (2019).

Nota-se nos números do ano de 2000 que a região Sudeste sozinha possuía metade do volume, seguido da região Sul com 24,60%, depois Centro-Oeste com 15,40% e Nordeste e Norte com 5,2% e 4,8%. No ano de 2010 pode-se perceber que o Sudeste teve uma redução de quase 20% do volume ficando com 40,70% tendo a região Sul aumentado sua participação para 33%, Centro-Oeste, reduziu para 14,60% e com um aumento próximo de 10% na participação do volume Nordeste e Norte participaram de 5,8% e 5,9%. Na estimativa para o ano de 2020 Sudeste novamente perdeu participação no mercado na faixa de 5%, tendo a região Sul apresentado uma curva de crescimento que tende a ultrapassar o volume na participação da região Sudeste, Centro-Oeste novamente reduziu sua participação no volume total para 14%,

enquanto Norte e Nordeste novamente aumentaram sua participação para 8% e 6% respectivamente.

3.3.2 Mercado Externo

O mercado global de lácteos está estruturado em negociações entre países exportadores e países importadores, o que determina se um país é exportador ou importador depende de vários fatores, principalmente políticas internas e externas, tradição do país em produzir ou consumir e também o clima do local.

De acordo com Zoccal (2014), o potencial para a exportação de produtos lácteos é atrelado ao *superávit* no abastecimento do mercado interno e a capacidade de produzir produtos com preço competitivo para o mercado externo, que tem relação com a política cambial do país. A valorização do dólar impulsiona as exportações e inibe as importações, enquanto a desvalorização tem efeito contrário.

No caso do Brasil, há um histórico da balança comercial que demonstra o país como importador de lácteos, mesmo que houve períodos em que essa condição se inverteu, quando houve o *superávit* de produção favorecendo exportações.

Segundo Junqueira (2011), o Brasil precisa superar alguns obstáculos se pretende se consolidar como exportador de lácteos no mercado mundial, entre eles a melhora da composição da qualidade do leite produzido e a redução do custo de produção (em US\$), para assim aumentar a margem de lucro na comercialização para o mercado externo, o aumento da capacidade e a eficiência da indústria na produção de *commodities* e aperfeiçoar a logística de comercialização no exterior, melhorar a representatividade do país no comércio exterior e o estabelecimento de políticas governamentais de incentivo às exportações.

Depois de superado esses obstáculos, ainda pode-se incluir a necessidade de aumento da produção, para então atender o mercado interno e ainda criar um excedente para que então as exportações possam ser atendidas.

3.3.2.1 Exportações

Mantendo a tradição de ser um país muito mais importador que exportador de lácteos, o Brasil vem com quedas grandes do volume exportado desde 2014 como pode-se ver na Tabela 3.

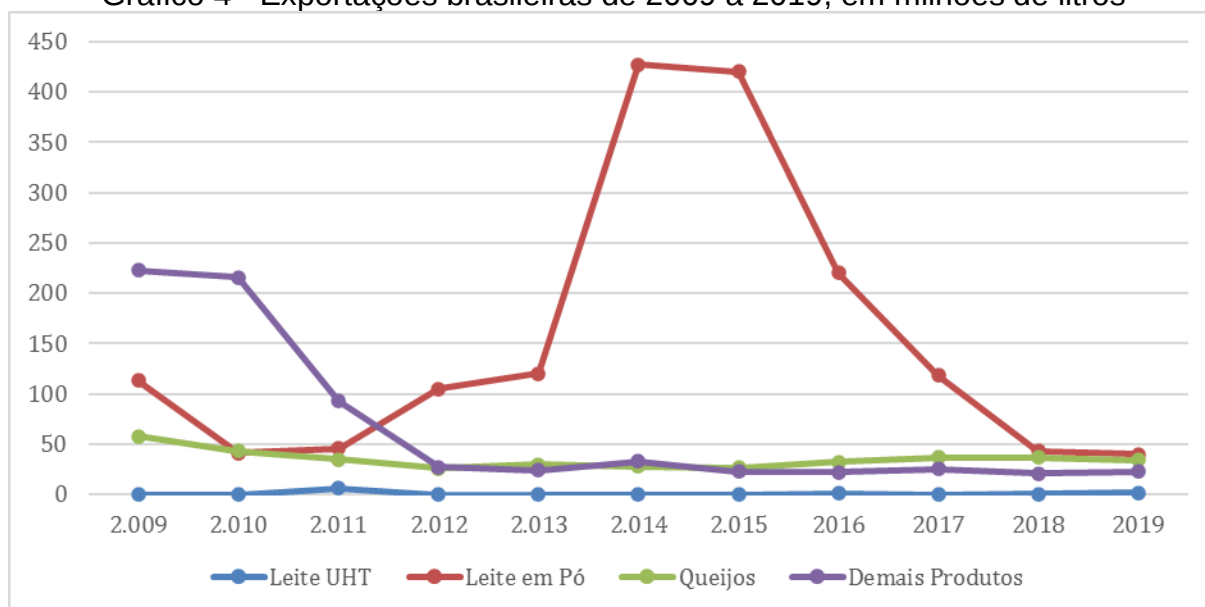
Tabela 3 - Exportações brasileiras de 2009 a 2019, em milhões de litros

Descrição	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Exportação Total	394	300	180	158	174	488	470	275	181	102	99
Leite UHT	0	0	6	0	0	0	0	1,2	0,07	1	2
Leite em Pó	113	41	46	105	120	427	420	220	118	43	40
Queijos	58	43	35	26	30	28	27	32	37	37	34
Demais Produtos	223	216	93	27	24	33	23	22	25	21	23

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da ABLV (2019).

Nota-se que o grande responsável por essa queda brusca das exportações é o Leite em Pó, que no pico das exportações brasileiras em 2014 ocupava 88,5% do volume total exportado, com 427 milhões de litros exportados. Em 2018 ocupou 42,15% do volume total exportado com um volume 10 vezes menor que 2014 exportando então 43 milhões de litros de leite, mesmo com essa queda de volume tão grande sua ocupação do volume total exportado ainda corresponde por quase metade de todo derivado lácteo exportado do Brasil. No gráfico 4, pode-se ver o *boom* das exportações de leite em pó nos anos de 2014 e 2015.

Gráfico 4 - Exportações brasileiras de 2009 a 2019, em milhões de litros



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da ABLV (2019).

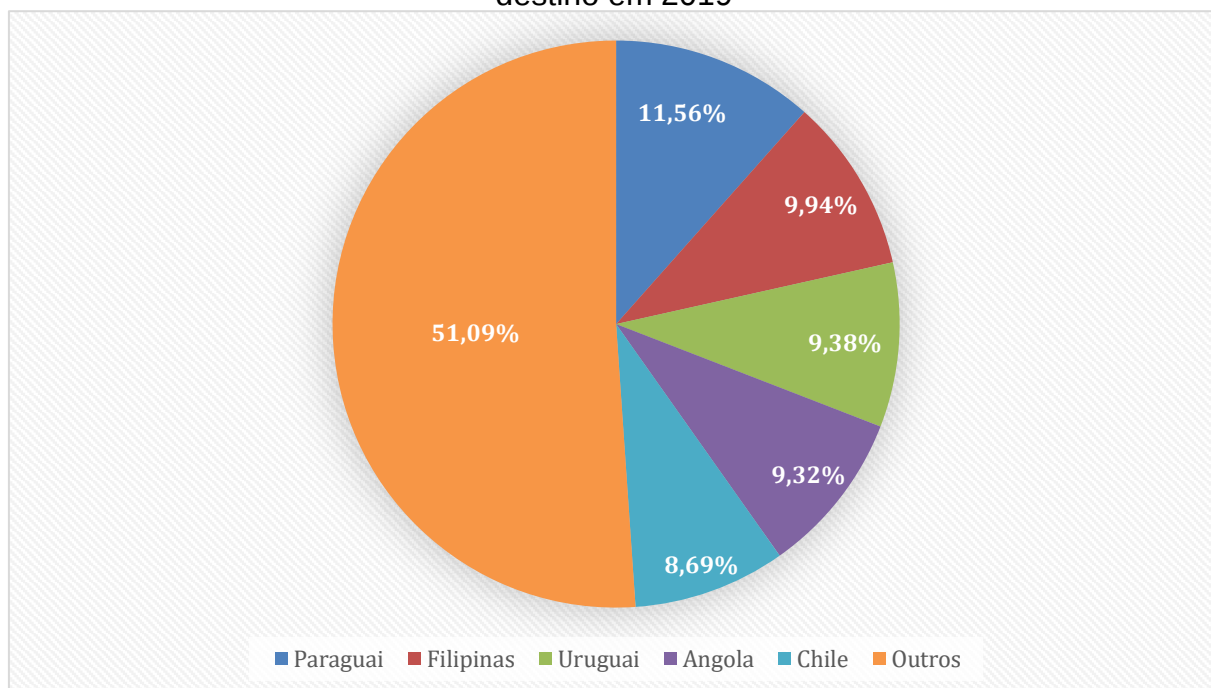
Enquanto o leite UHT representa muito pouco do volume exportado com apenas 500 mil litros exportados em 2018, os demais produtos lácteos se mostram

muito instáveis nas exportações, sendo responsável por 56,59% das exportações em 2009 com um total de 223 milhões de litros, o mesmo teve quedas do volume exportado até 2018, apresentou também pequenas recuperações e no ano seguinte quedas novamente, estando em 2018 com menos de 10% do volume exportado em comparação a 2009.

Por último, os queijos se mostraram sempre instáveis no volume exportado, tendo seu maior volume exportado em 2009 com 53 milhões de litros, com o passar dos anos contou com redução do seu volume exportado mas junto com o leite UHT vem mostrando ascensão nos últimos anos, no pico das exportações brasileiras contou com um pequena queda comparado ao ano anterior exportando então 28 milhões de litros, em 2015 houve um pequeno recuo para 26,5 milhões de litros e depois aumentou seu volume exportado até 2018 quando conseguiu manter a mesma quantidade de 2017 com 37 milhões de litros exportado.

No gráfico 5 pode-se ver o destino do volume das exportações brasileiras no ano de 2019. Exportando apenas 99 milhões de toneladas, menor volume no período analisado anteriormente na tabela 2.

Gráfico 5 – Distribuição do volume das exportações brasileiras entre países de destino em 2019



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Comexstat (2020).

Diferente do que aconteceu em outros anos, em 2019 não houve a predominância no volume de exportação para um só país, com volumes equilibrados o vizinho do território brasileiro, Paraguai foi o que mais importou produtos lácteos brasileiros com 11,56% do total exportado, seguido das Filipinas com 9,94%. Mais dois países da América do Sul, Uruguai e Chile, com 9,38% e 8,69% foram importantes destinos de exportações do Brasil. Angola foi um destino de um total de 9,32% do volume de exportação brasileiro. Os outros 51% estão distribuídos entre os outros 98 países com que o Brasil faz negócios de produtos lácteos, entre eles Estados Unidos, Rússia e Emirados Árabes movimentam um volume expressivo.

3.3.2.2 Importações

Desde a desregulamentação dos preços e a abertura ao mercado internacional o Brasil foi um país que sempre precisou das importações para conseguir abastecer o seu mercado interno, na tabela 4 é apresentado o volume de importações brasileiras no período de 2009 a 2019.

Tabela 4 – Importações brasileiras no período de 2009 a 2019 em milhões de toneladas

Descrição	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Importação Total	1.086	1.178	1.279	1.247	1.052	722	1.057	1.845	1.257	1.170	1.068
Leite UHT	10	5	14	12	20	3	1	2.45	1	0	0
Leite em Pó	565	446	795	900	678	477	814	1.363	889	831	743
Queijos	160	219	372	299	327	218	225	444	338	314	300
Demais Produtos	351	508	98	36	27	24	17	35	29	25	25

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da ABLV (2019).

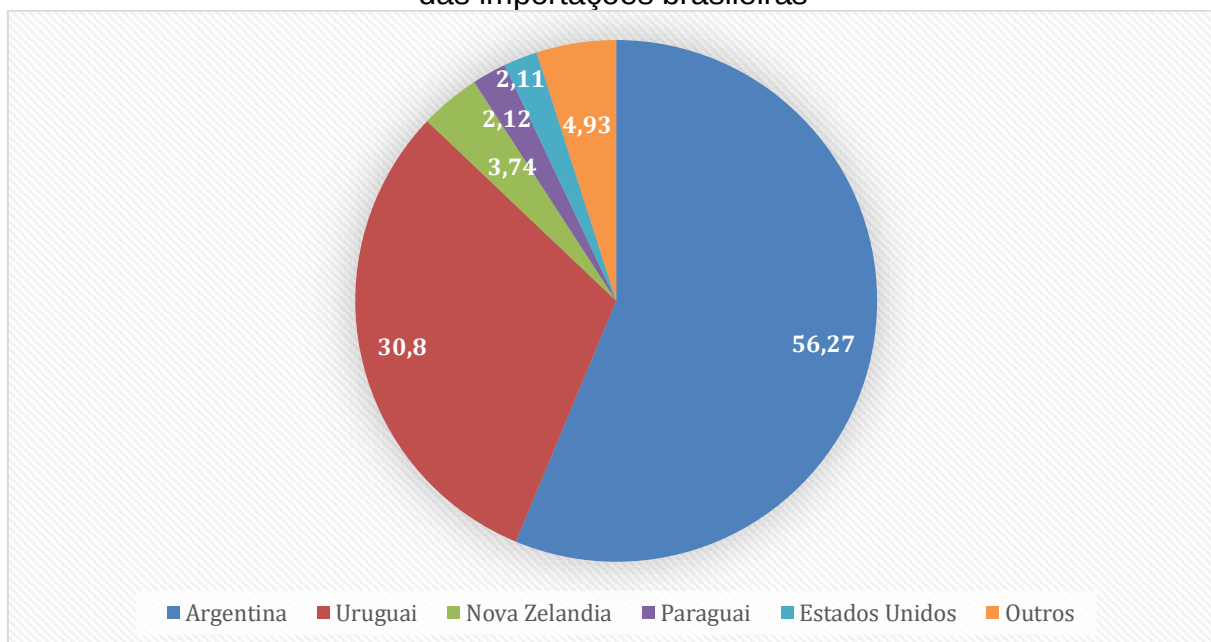
Como acontece nas exportações, o leite UHT também não movimenta grande volume tendo nos anos de 2018 e 2019 nenhuma importação, já o leite em pó, lidera o volume de importações brasileira, chegando em 2019 a corresponder a 69,50% do volume total importado, com 743 milhões de toneladas. Os queijos também tiveram um volume expressivo de importação, com 300 milhões de toneladas no ano de 2019 um pequeno recuo comparado ao ano anterior, correspondeu a 28% do volume total. Os demais produtos tiveram volumes expressivos nos anos de 2009 e 2010, chegando

a ultrapassar o volume total do leite em pó, porém com o passar dos anos teve uma grande queda, chegando, em 2019, a representar apenas 7% do volume que importou em 2009, ou seja 25 milhões de toneladas.

Para Zoccal (2018), o Brasil possui todas as condições para aumentar a produção de leite e tornar o país independente das importações e, mais do que isso, permitir de forma efetiva e constante a participação no mercado internacional como exportador de lácteos.

No gráfico 6, é apresentado os principais países que servem de fornecedor de produtos lácteos para o abastecimento do mercado brasileiro em 2019.

Gráfico 6 – Países que mais exportam produtos Lácteos para o Brasil, em % do total das importações brasileiras



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Comexstat (2020).

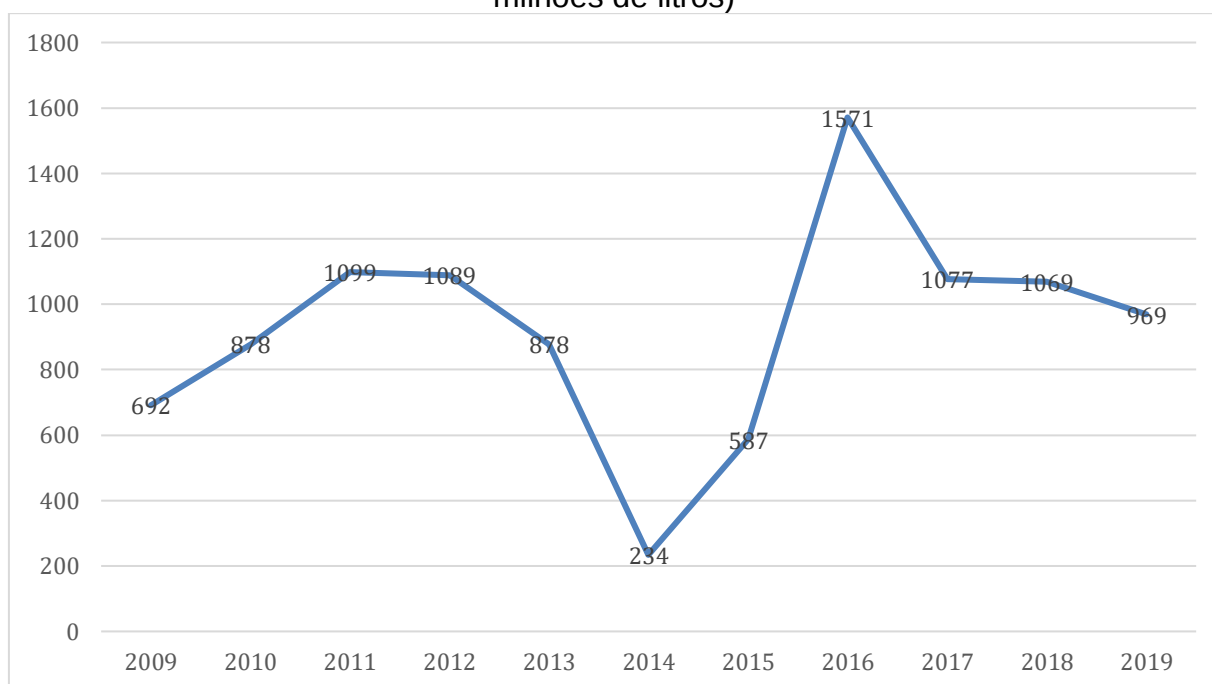
Observa-se a influência no volume importado fornecido pela Argentina, com o abastecimento de mais da metade proveniente de lá, isso se deve a um acordo entre os entes privados da área, com a chancela de ambos os países desde 2009, devido a esse acordo o Brasil tem a possibilidade de importar até 54 mil toneladas por mês de leite em pó, com benefícios fiscais. Em segundo colocado o Uruguai corresponde a 30,8% do volume importado sendo na sua maioria queijos e demais produtos e, ainda na América do Sul, o Paraguai exporta para o Brasil um volume de 2,12% do volume total, vale observar que mais de 89% das importações brasileiras são provenientes dos países que fazem fronteira com o Brasil. Ainda na América Latina,

os Estados Unidos exportam para o Brasil 2,11% do volume, a Nova Zelândia exporta 3,74% e o restante do volume de 4,93% está dividido entre outros 19 países.

3.3.2.3 Balança Comercial

Desde a abertura ao comércio nacional, o Brasil na maioria dos anos importou mais que exportou, tendo então *déficit* na balança comercial quase que recorrente. O gráfico 7 mostra uma linha que demonstra o *déficit* na balança comercial no período de 2009 a 2019.

Gráfico 7 – *Déficit* da balança comercial brasileira no período de 2009 a 2019 (em milhões de litros)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da ABLV (2019).

Embora desde o início do período analisado a balança comercial apresentou *déficits* crescentes chegando, em 2011, a apresentar 1.099 milhões de litros, os anos de 2013 e 2014 apresentaram significativo aumento nas exportações e um recuo nas importações, assim, diminuindo consideravelmente o *déficit* na balança comercial. Silva *et al.*, (2017) considera que essa queda se deu pois os preços internacionais apresentaram melhora, tornando os produtos lácteos brasileiros atrativos no mercado externo, além do dólar estar em alta no momento.

Porém, o quadro na balança comercial de lácteos brasileira não se reverteu, tendo em 2015 dobrado o seu *déficit* para 587 milhões de litros e, em 2016 aumentou descontroladamente para 1.571 milhões de litros, maior valor entre o período analisado, embora nos últimos três anos começasse novamente uma tendência de queda, para respectivamente nos anos de 2017 apresentar 1.077, em 2018 apresentar 1.069 milhões e, em 2019 com 969 milhões de litros de *déficit*.

Com base nos tópicos apresentados nas seções anteriores, o capítulo quatro deste trabalho apresentará um estudo de caso sobre a importância socioeconômica que uma empresa do setor de laticínios agrega para uma região.

4 A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA LÁCTEA PARA A ECONOMIA DA REGIÃO DO MÉDIO ALTO URUGUAI

Quando se fala de uma determinada empresa precisa-se também analisar os diferentes elos diretos e indiretos que essa mesma empresa agrega. A Laticínio Stefanello agrega economicamente para a região desde a geração de empregos na área de insumo, prestando suporte ao produtor de leite passando pela produção até a distribuição dos produtos finais. Assim agregando valor e gerando demanda de outras empresas da região.

Este capítulo apresentará a importância econômica que a Laticínio Stefanello agrega à região do Médio Alto Uruguai gaúcho, apresentando, então, o faturamento, impostos gerados, geração de empregos a nível municipal e regional e valor acrescentado bruto (VAB).

4.1 REGIÃO DE INSERÇÃO DA EMPRESA LATICÍNIOS STEFANELLO

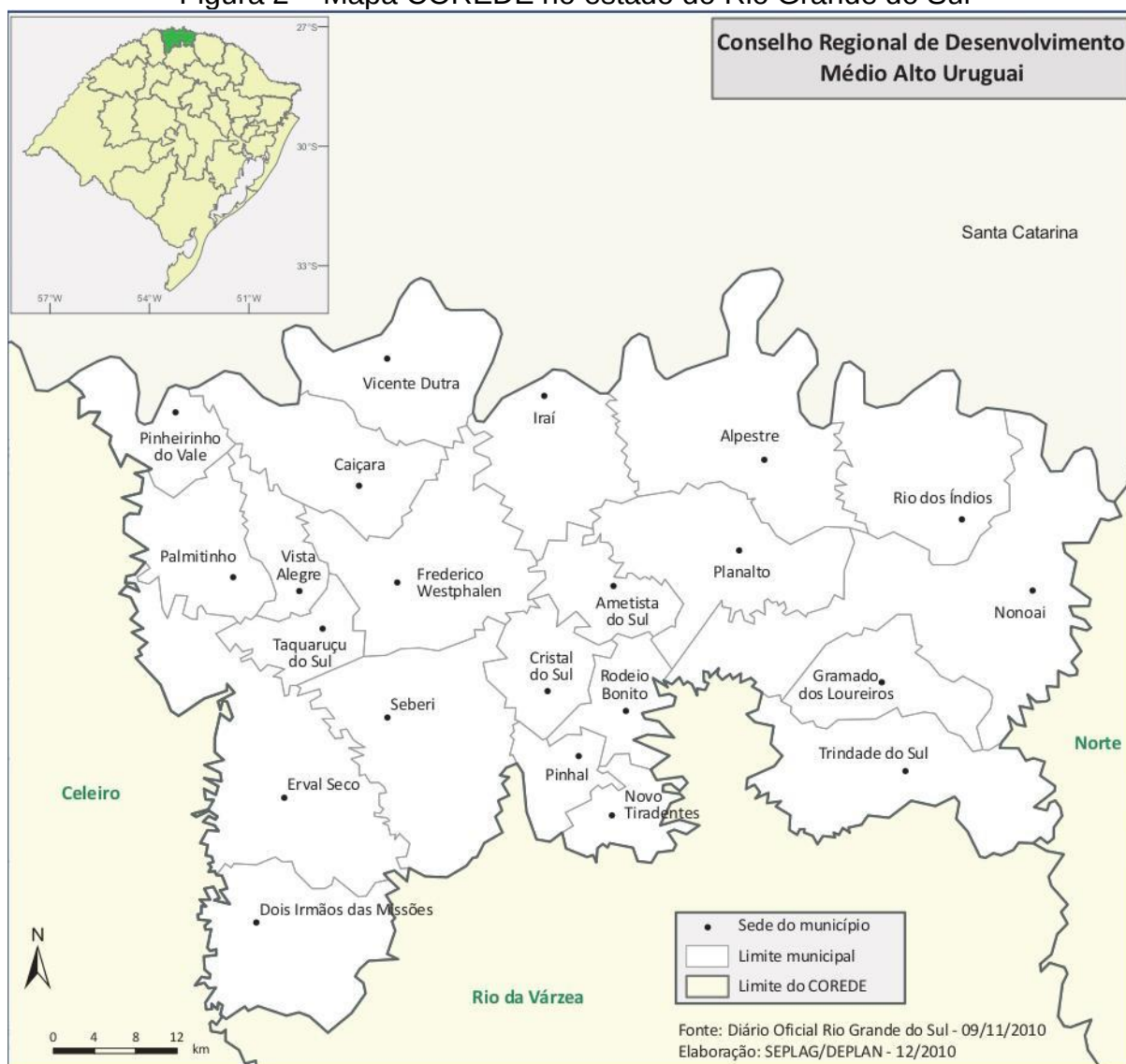
O Brasil possui uma ampla diversidade econômica, cultural e social alinhado com uma grande extensão territorial, que possibilita considerar particularidades de cada estado e região a fim de planejar seu desenvolvimento. Assim, os municípios se integram em regiões em busca de estratégias de crescimento e sustentabilidade, sendo eles divididos em áreas, macrorregiões, microrregiões e regiões.

O estado do Rio Grande do Sul encontra-se dividido por regiões chamadas de Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDE), distribuídos em 28 unidades ao longo dos 497 municípios que compõem o estado.

A Laticínio Stefanello fica situada na região do Médio Alto Uruguai do estado do Rio Grande do Sul, o Conselho Regional de Desenvolvimento do Médio Alto Uruguai, está situado na região funcional 9, possuindo características rurais, com participação da agropecuária na economia superior à média estadual.

O COREDE Médio Alto Uruguai (CODEMAU), foi criado em 1991 e instalado em 1992. Abrange um total de 22 municípios, situados no extremo norte do estado gaúcho, sendo eles: Alpestre, Ametista do Sul, Caiçara, Cristal do Sul, Dois Irmãos das Missões, Erval Seco, Frederico Westphalen, Gramado dos Loureiros, Iraí, Nonoai, Novo Tiradentes, Palmitinho, Pinhal, Pinheirinho do Vale, Planalto, Rio dos Índios, Rodeio Bonito, Seberi, Taquaruçu do Sul, Trindade do Sul, Vicente Dutra e Vista Alegre (CODEMAU, 2020).

Figura 2 – Mapa COREDE no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Diário Oficial do Rio Grande do Sul (2010). Elaborado por SEPLAG/DEPLAN (2010).

Segundo dados divulgados pelo estado do Rio Grande do Sul, quanto a característica da população residente do CODEMAU, em 2010 a população era de 125.156 habitantes, sendo 54,74% moradores do meio urbano e 45,26% no meio rural (IBGE, 2010). Estando eles divididos entre as cidades mostradas na tabela 5.

Tabela 5 – População por município da região do CODEMAU

(continua)

Município	População censo 2010	População estimada 2020
Alpestre	8.027	6.067
Ametista do Sul	7.323	7.403
Caçara	5.071	4.700
Cristal do Sul	2.826	2.296

(conclusão)

Município	População censo 2010	População estimada 2020
Dois Irmãos da Missões	2.157	2.844
Ervai Seco	7.878	6.802
Frederico Westphalen	28.843	31.498
Gramado dos Loureiros	2.269	2.058
Iraí	8.078	7.141
Nonoai	12.074	11.633
Novo Tiradentes	2.277	2.200
Palmitinho	6.920	7.056
Pinhal	2.513	2.580
Pinheirinho do Vale	4.497	4.899
Planalto	10.524	10.019
Rio dos Índios	3.616	2.660
Rodeio Bonito	5.743	5.868
Seberi	10.897	10.713
Taquaruçu do Sul	2.966	3.077
Trindade do Sul	5.787	5.791
Vicente Dutra	5.285	4.599
Vista Alegre	2.832	2.739
Total	125.156	124.177

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do IBGE (2020).

Segundo o IBGE (2020), a região possui um centro regional (Frederico Westphalen), dois centros de zona (Rodeios Bonito e Nonoai) e dezenove municípios classificados como centros locais. São classificados, pelo IBGE, como centro regional os municípios que possui influência econômica, política, cultural ou social, sobre uma determinada região, já os centros de zona são algumas cidades que exercem influência significativa sobre as demais, por se diferenciar em bens, serviços, movimentos culturais, movimentos políticos, entre outros. Finalmente, são chamados centros locais o restante dos municípios em que sua importância não excede os limites do próprio município.

A região apresentou em 2017, um PIB de aproximadamente 4,33 bilhões representando 1,02% do PIB total do estado do Rio Grande do Sul. O PIB *per capita* era de R\$27.212,10, um valor abaixo da média estadual de R\$ 37.381,00. Os municípios de Alpestre apresentava R\$70.289,00 e Dois Irmãos das Missões

apresentava R\$47.497,00, possuem os maiores PIBs *per capita* da região, enquanto o município de Ametista do Sul possuía o menor valor, com um PIB *per capita* de R\$13.165,00 (IBGE,2020)

No ano de 2017, o município de Frederico Westphalen possuía o maior PIB do COREDE com R\$1.050.980.000,00, valor que representava 24,25% da região e 0,25% do estado, já o menor PIB do COREDE era o município Gramado dos Loureiros com R\$ 42.856.000,00 (IBGE, 2020).

Referente aos setores que compõem o Valor Acrescentado Bruto da região do Médio Alto Uruguai, o setor de serviços possui 57,89%, seguido da agropecuária com 22,70% e pela indústria com 19,41%. Comparando com a média estadual, a região se destaca no setor da agricultura, tendo uma participação maior que o dobro do estado, na indústria possui uma participação pouco superior ao estado e no setor de serviços uma menor participação, mostrando que a região tem um perfil mais voltado ao setor primário, aumentando a participação na indústria a partir do ano de 2013. Como pode-se ver na tabela 6.

Tabela 6 – Estrutura Produtiva do Médio Alto Uruguai – 2017

(continua)

Município	Valor Adicionado Bruto (milhões R\$)				Estrutura (%)		
	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agro	Ind	Serv
Alpestre	521.410	50.896	391.480	79.034	9,76	75,08	15,16
Ametista do Sul	94.544	13.043	18.082	63.418	13,80	19,13	67,08
Caiçara	94.606	43.126	3.824	47.656	45,58	4,04	50,37
Cristal do Sul	49.432	22.852	1.404	25.177	46,23	2,84	50,93
Dois Irmãos da Missões	99.829	63.365	3.290	33.175	63,47	3,30	33,23
Ervai Seco	213.811	79.690	9.122	124.999	37,27	4,27	58,46
Frederico Westphalen	942.578	64.449	176.726	701.403	6,84	18,75	74,41
Gramado dos Loureiros	41.842	19.162	1.853	20.828	45,80	4,43	49,78
Iraí	160.218	38.953	10.931	110.334	24,31	6,82	68,87
Nonoai	331.633	64.508	20.313	246.812	19,45	6,13	74,42
Novo Tiradentes	45.393	19.230	1.256	24.907	42,36	2,77	54,87

(conclusão)

Município	Valor Adicionado Bruto (milhões R\$)				Estrutura (%)		
	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agro	Ind	Serv
Palmitinho	171.176	44.342	31.900	94.934	25,90	18,64	55,46
Pinhal	68.857	29.523	9.632	29.701	42,88	13,99	43,13
Pinheirinho do Vale	83.508	37.853	3.811	41.844	45,33	4,56	50,11
Planalto	179.062	32.055	19.103	127.904	17,90	10,67	71,43
Rio dos Índios	75.182	34.950	2.514	37.718	46,49	3,34	50,17
Rodeio Bonito	160.542	36.141	16.277	108.125	22,51	10,14	67,35
Seberi	287.569	67.794	26.617	193.158	23,57	9,26	67,17
Taquaruçu do Sul	89.986	29.409	4.865	55.713	32,68	5,41	61,91
Trindade do Sul	149.536	49.745	20.359	79.433	33,27	13,61	53,12
Vicente Dutra	89.327	41.187	3.616	44.524	46,11	4,05	49,84
Vista Alegre	70.326	30.506	3.428	36.392	43,38	4,87	51,75
COREDE	4.020.366	912.779	780.402	2.327.185	33,40	11,19	55,41
Estado	366.920.000	33.600.000	82.000.000	251.320.000	9,16	22,35	68,49

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da IEDE/RS (2020).

Na agropecuária, se destacam os municípios de Erval Seco com 8,73% do VAB do setor na região e de Seberi com 7,43%. No setor industrial, se destacam Alpestre com 50,16% do setor, seguido de Frederico Westphalen com 22,65%, já na agropecuária destaca-se mais uma vez Frederico Westphalen com 30,14% de participação no VAB do setor e logo após Nonoai com 10,61%. A região é responsável por 2,72% do VAB da agropecuária, 0,95% do VAB da indústria e 0,92% do VAB dos serviços do estado do Rio Grande do Sul.

A região possui um total de 13.422 empresas ativas (Receita Federal, 2020), distribuídas entre os 22 municípios pertencentes. Segundo dados do IBGE, a região contava em 2017 com R\$4,32 bilhões do PIB, porém possui em sua estrutura de atividades da indústria uma predominância da área de produtos alimentícios, tendo o ramo lácteo uma participação de 20%.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA LATICÍNIO STEFANELLO

A fabricação de produtos alimentícios engloba o processamento e transformação de produtos provenientes da agricultura para um alimento final desejado. Essa divisão é organizada por atividades que processam diferentes tipos de produtos, sendo eles a carne, o peixe, o leite e os grãos.

Na tabela 7 é possível observar a hierarquia utilizada pelo CNAE na indústria de transformação, sendo ela dividida por seções, divisões, grupos, classe e subclasse.

Tabela 7 – Classificação CNAE do setor de Laticínios.

Seção	Divisão	Grupo	Classe	Denominação
C	10	105	1052-0	Industria de transformação Fabricação de Produtos Alimentícios Laticínios Fabricação de laticínios

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da CNAE (2020).

O presente estudo de caso apresenta as características de uma empresa do setor de laticínios na seção da indústria de transformação e compreende a subclasse de fabricação de laticínios, sendo ela detentora da razão social Laticínio Stefanello EIRELI e, seu nome fantasia Laticínio Stefanello, possui um sócio/proprietário, Ricardo Augusto Stefanello. Atuando apenas na produção de queijos e cremes de queijos e creme de leite conta com um processamento médio de mais de dois milhões de litros por mês dando origem a uma vasta linha de produtos.

Figura 3 – Logotipo que representa a empresa



Fonte: Fornecido pela empresa (2020).

Figura 4 – Foto da fachada da empresa Laticínio Stefanello



Fonte: Fornecido pela empresa (2020).

A empresa situa-se na Rua Humberto Possamai, 103 no bairro Distrito Industrial localizado no município de Rodeio Bonito - RS, com CNPJ 05.418.346/0001-28, seu site/loja virtual www.laticiniostefanello.com.br e o e-mail para contato é adm@laticiniostefanello.com.br.

4.2.1 Histórico da Empresa

A Laticínio Stefanello é oriunda da atividade rural, começou com o Sr. Atílio a produção de queijo colonial usando o leite produzido em sua propriedade no interior da cidade de Seberi, mas com o aumento da demanda e a necessidade de legalizar sua produção, mudou-se para Rodeio Bonito onde foi instalada.

A empresa foi constituída em 15 de setembro de 2000, por Atílio Romoaldo Stefanello, Gilmar Paulo Cocco e Ricardo Augusto Stefanello, todos brasileiros, sendo Gilmar e Ricardo formados em administração de empresas e ciências contábeis, quando iniciou sua produção de queijo tipo colonial e mussarela. A sociedade permaneceu até dia 01 de janeiro do ano de 2003, quando Atílio Romoaldo Stefanello se desligou da empresa.

A partir do ano 2003, a empresa se profissionalizou e promoveu expansão na sua linha de produtos, abrangendo novos mercados e expandindo sua região de atuação, criando, em 2007, no município de Caxias do Sul, a sua primeira central de

distribuição a fim de atender a região metropolitana e serra gaúcha. Até que em 2017, o sócio Gilmar se desligou da empresa, vendendo então suas cotas de participação da empresa para Ricardo.

Com o objetivo de crescer e se estabilizar no mercado, a empresa então expandiu sua linha de produção, criando uma outra filial como centro de distribuição no município de Pinhal, cidade vizinha a menos de 3 quilômetros de distância da matriz, para então poder aumentar a área interna de produção e automatizar processos.

4.3 RELEVÂNCIA ECONÔMICA DA LATICÍNIO STEFANELLO PARA A REGIÃO

A arte da fabricação de queijos iniciou-se há milhares de anos, como forma de garantir o suprimento calórico durante as longas viagens da época (Albuquerque, 2015). Com o passar dos anos e com o avanço tecnológico a produção ganhou escala e agregou vários setores da economia, desde o pequeno produtor de leite do interior a rede internacional de supermercados.

Com a finalidade de verificar o desenvolvimento da empresa, é apresentada na tabela 8 a quantidade de empregos gerados e seu percentual de participação em comparação a região do Médio Alto Uruguai e o estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 2014 e 2018.

Tabela 8 – Quantidade de empregos gerados do setor de laticínios e Laticínio Stefanello na região do Médio Alto Uruguai e estado do Rio Grande do Sul

	Ano		Variação (%)
	2014	2018	2014 – 2018
Laticínio Stefanello	95	128	25,79
Médio Alto Uruguai	312	394	26,28
Rio Grande do Sul	4.852	4.989	2,82
Percentual Laticínio Stefanello sobre Médio Alto Uruguai	30,44%	32,49%	+ 2,05 pp
Percentual Laticínio Stefanello sobre Rio Grande do Sul	1,96%	2,56%	+ 0,6 pp

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da RAIS (2020).

Considerando a quantidade total de empregos gerados apresentados na tabela 8, verifica-se que houve um crescimento expressivo na Laticínio Stefanello e na região do Médio Alto Uruguai, enquanto no estado gaúcho, nesse intervalo de tempo

analisado, houve quedas de 2015 a 2017, recuperando no ano de 2018, assim, passando o número de contratações do ano inicial.

No Laticínio Stefanello quando comparado os anos de 2014 e 2018 houve um aumento no número de empregos gerados de 25,79%, ou seja, passou de 95 funcionários para 128. Pode-se destacar que esse aumento se deve a expansão na área total de produção demandando assim mais mão de obra e um aumento na equipe comercial. O mesmo ocorreu na região em que engloba a empresa, com um aumento de 26% no total e 9,29% quando subtraído os empregos gerados pela Laticínio Stefanello.

Deve-se salientar que essa diminuição até 2017 no número de empregos gerados no estado do Rio Grande do Sul tem como um dos motivos a recessão que ocorreu no país, onde muitas empresas não consolidadas no mercado e sem uma boa gestão acabaram fechando as portas.

Pelo setor de fabricação de laticínios ser um setor secundário, o mesmo necessita de matéria prima para produzir, sendo assim a Laticínio Stefanello que tem como sua principal matéria-prima o leite, demandou em 2018 um total 21,5 milhões de litros de leite, provenientes de 230 produtores distintos, distribuídos entre 32 cidades, sendo todas da Região do Médio Alto Uruguai e outros 11 vizinhos da região.

No ano de 2018, quando demandou 21,5 milhões de litros de leite, a Laticínio Stefanello movimentou mais de R\$26 milhões, ou seja, ao preço médio de R\$1,21 o litro. Sendo o Valor Agregado Bruto (VAB), resultado da diferença entre o valor de compra da matéria-prima do setor agrícola para o valor de venda do produto produzido pela empresa, a Laticínio Stefanello possui um VAB de aproximadamente 40% tendo pequenas variações de produto a produto.

Para efeito de comparação, é usado na tabela 9 os dados fornecidos pela empresa no ano de 2017 a fim de confrontá-los com os últimos dados oficiais fornecidos pela Infraestrutura Estadual de Dados Espaciais (IEDE).

Na tabela 9 pode-se analisar o VAB do setor industrial, na região do Médio Alto Uruguai, na empresa Laticínio Stefanello e na cidade em que está inserida Rodeio Bonito, no ano de 2017.

Tabela 9 – VAB industrial do setor de laticínios e da Laticínio Stefanello em Rodeio Bonito e Médio Alto Uruguai

	VAB industrial (2017)
Laticínio Stefanello	R\$9.068.375
Rodeio Bonito	R\$16.276.001
Médio Alto Uruguai	R\$780.401.001
Percentual Médio Alto Uruguai Sobre Rio Grande do Sul	0,95%
Percentual Rodeio Bonito sobre Médio Alto Uruguai	2,08%
Percentual Laticínio Stefanello sobre Rodeio Bonito	55,71%
Percentual Laticínio Stefanello sobre Médio Alto Uruguai	1,16%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da RAIS (2020).

Quando analisado o VAB, pode-se notar pouca relevância da cidade de Rodeio Bonito representando 2% do VAB industrial da região, porém ao analisar a empresa é possível observar certa relevância econômica tendo uma participação de 1,16% do VAB industrial da região, região essa que agrega 1.799 empresas do setor de indústrias (Receita Federal, 2020). Caso for comparado a significância da Laticínio Stefanello no município de Rodeio Bonito pela ótica do VAB industrial é gigante sua importância, visto que gera um total de aproximadamente R\$9 milhões enquanto a cidade possui R\$16,2 milhões, uma participação de aproximadamente 55%.

Com um faturamento em 2018 de aproximadamente R\$43,7 milhões, a empresa é importante para a cidade em que está instalada, visto que sozinha é responsável por mais de 10% dos empregos gerados no município. A empresa gerou no ano de 2018 uma arrecadação de imposto para o estado do Rio Grande do Sul no valor de R\$3,36 milhões, sendo o maior volume de R\$ 2,26 milhões pagos de ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços).

5 CONCLUSÃO

A teoria da firma que explica como a sociedade empresarial desenvolve sua atividade produtiva para produzir bens ou serviços com mais eficiência e menos custos, abordando temas que estão no dia a dia das empresas tais como custos, receitas e rendimento de escala, economias e deseconomias de escala, sendo elas internas ou externas.

No trabalho, foi abordado a história do mercado de lácteos no Brasil e apresentado as evoluções nas suas características de produção e consumo, desde o tabelamento de preços, regulamentação de inspeção industrial e sanitária ao mesmo tempo que ocorria o êxodo rural até a chegada de produtos importados e o aumento do consumo no Brasil.

Mesmo que presente em 99% do território brasileiro, a análise mostra que a produção brasileira ainda não é suficiente para suprir toda a demanda interna, muitas vezes pela desvalorização cambial, há uma fuga da produção final para o mercado externo tornando, na última década, o país um exportador de lácteos.

O COREDE do Médio Alto Uruguai, objeto de estudo deste trabalho, é um dos 28 agrupamentos de municípios no estado, composto em sua maioria por pequenos municípios, sendo eles voltados mais para o setor agrícola com uma ascensão no desenvolvimento do setor industrial a partir de 2013, a região do Médio Alto Uruguai participou de 1,03% do PIB total do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2017.

O principal objetivo da pesquisa foi o de verificar a importância da empresa Laticínio Stefanello para a economia da região do Médio Alto Uruguai, tendo como apoio para comparação os dados socioeconômicos da região composta por 22 municípios do estado do Rio Grande do Sul.

Este estudo possibilitou fazer um levantamento da importância que a Laticínio Stefanello possui para a região, pois emprega mais de 150 pessoas aumentando sua demanda por mão de obra nos anos anteriores. Sua relevância não está restrita a região em que está instalada, demanda matéria-prima de dezenas de produtores de leite em cidades que não compõem a região do médio Alto Uruguai, além de possuir equipe comercial e de logística que não residem na região.

Mesmo durante a recessão ampliou seu quadro de funcionários ao remanejar seu local de estoque e expandir sua área total de produção. A empresa é crucial para o município de Rodeio Bonito, pois participa de mais de 10% dos empregos formais

existentes, segundo os dados do RAIS, além de ser responsável por mais da metade do Valor Acrescentado Bruto industrial.

Por fim, conclui-se que a hipótese principal foi validada, pois a empresa é representativa em todas as variáveis analisadas no estudo de caso, principalmente no volume de empregos gerados, onde é responsável por quase 1/3 dos empregos gerados do setor de laticínios na região, também possui relevância no valor adicionado a economia, onde participa com 1,16% do VAB industrial da região.

Sugere-se o aprofundamento deste trabalho a nível municipal, a fim de verificar a importância que as agroindústrias familiares tem para o município em que estão instaladas.

REFERÊNCIAS

ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação. **Números do setor: Faturamento 2018**. Disponível em: <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2018.pdf>. Acesso em 25 abr. 2019.

ABLV – **Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida**. Relatório Anual 2018. São Paulo, 2018.

ABLV – **Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida**. Relatório Anual 2019. São Paulo, 2019.

ALVES, E. R. A. **Características do desenvolvimento da agricultura brasileira**. In: GOMES, A. T.; LEITE, J. L. B.; CARNEIRO, A. V. (Ed.). O agronegócio do leite no Brasil. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001. p. 11-31.

BRASIL Dairy Trends 2020: **tendências do mercado de produtos lácteos**. Campinas: Ital, 2017. 343 p.

CAMAROTTI, L. C. **O leite é um dos principais produtos...** Nuvlac, set. 2011. Disponível em: <http://www.nuvlac.com.br/profiles/blogs/consumo-per-capita-de-leite-ainda-e-deficitario>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CANAL DO PRODUTOR. **Com mais renda, brasileiros elevam despesas com lácteos e ampliam consumo**. Canal do Produtor, nov. de 2012. Disponível em: http://www.canaldoprodutor.com.br/sites/default/files/ativos_leite_n23.pdf. Acesso em: 01 jun. 2020.

CARVALHO, M. P. **O consumo de lácteos do Brasil**. In: STOCK, L. A. et al. (Ed.). Competitividade do agronegócio do leite brasileiro. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2011. p. 147-17.

CILEITE – **Centro de Inteligência do Leite**. Banco de dados. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite/SEAPA-MG, 2019. Disponível em: www.cileite.com.br. Acesso em: 12 jun. 2020.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Perspectivas para a agropecuária. Companhia Nacional de Abastecimento – v.1** – Brasília: Conab, 2013.

DIAS, J. C. **As raízes leiteiras do Brasil**. 11^a. ed. São Paulo: Barleus, 2012. 167 p.

DIAS, Sergio Roberto et al. (Org.). **Pesquisa de mercado**. São Paulo: Saraiva, 2012.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FAO – **Food and Agriculture Organization of the United Nations. Milk and dairy products in human nutrition**. Rome, 2013. Disponível em: www.fao.org/docrep/018/i3396e/i3396e.pdf. Acesso em: 22 maio 2020.

IBGE (Brasil), Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**.

Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

IBGE. Brasília, DF, 2019. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 26 maio 2020.

JUNQUEIRA, R. **Gargalos para exportação de lácteos brasileiro. Lácteos Brasil, maio 2011.** Disponível em: http://mapas.agricultura.gov.br/agroeventos/uploads/20110531_111309_663920110.pdf. Acesso em: 25 abr. 2020.

KLEIN, Amarolinda Zanela et al. **Metodologia de pesquisa em administração: Uma abordagem prática.** São Paulo: Atlas S.a, 2015.

MARTINS, P. C. **Políticas públicas e mercados deprimem o resultado do sistema agroindustrial do leite.** Juiz de Fora: EMBRAPA, 2004. 135 p.

MATTAR, Frauze Najib. **Pesquisa de marketing:** edição compacta. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Guia Alimentar para a População Brasileira.** Brasília, 2014

NETO, J. R. M. A.; SANTOS, G. M.; ARROYO, R. J. O.; SOUSA, V. O.; FERREIRA, A. M. **Sustentabilidade da pequena propriedade leiteira.** 2013. Acervo online FAA/CESVA. Disponível em: http://faa.edu.br/revistas/docs/RID/2013/RID_2013_27.pdf. Acesso em: 30 maio 2020.

PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, c2006. 641p

PINDYCK, Robert; RUBINFELD, Daniel. **Microeconomia.** 8. ed. São Paulo: Pearson, 2016. p. 150-152.

SCHULTZ, G.; RÉVILLION, J. P. P.; GUEDES, P. **Análise de aspectos estratégicos e financeiros relacionados ao processamento de produtos lácteos orgânicos por agroindústrias no Estado do Rio Grande do Sul,** 2000, p.15.

SEBRAE. **DataSebrae,** 2020. Painel: arrecadação de impostos. Disponível em: <https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Arrecadacao-de-impostos>. Acesso em: 10 out. 2020.

SEBRAE. **DataSebrae,** 2020. Painel: Economia. Disponível em: <https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Economia>. Acesso em: 06 out. 2020.

SEBRAE. **DataSebrae,** 2020. Painel: Número de empregados. Disponível em: <https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Empregados>. Acesso em: 04 out. 2020.

SEBRAE. **DataSebrae**, 2020. Painel: Número de empresas. Disponível em: <https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Empresas>. Acesso em: 01 out. 2020.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. **Atlas Socioeconômico** Rio Grande do Sul, 2020. Economia. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/inicial>. Disponível em: 25 set. 2020.

SELDON; PENNANCE, A.; G., F. **Dicionário de Economia**. 3. ed. Bloch, 1977. p. 78-79.

SIMONSEN, Mario Henrique; FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Teoria microeconômica**. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

TETRA PAK. **O consumo de leite informal no Brasil**. Fevereiro, 2000. Disponível em: <http://www.bebaleite.com.br/materias/1-pesquisa20000801.php>. Acesso em: 28 maio de 2020.

VARIAN, Hal R. **Microeconomia: princípios básicos**. Rio de Janeiro: Campus, 1994. 710 p.

VOLPI, R.; BRESSAN, M. **Bases para programas de qualificação e habilitação de mão de obra para o agronegócio do leite**. In: GOMES, A. T.; LEITE, J. L. B.; CARNEIRO, A. V. O agronegócio do leite no Brasil. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001. 262 p.

ZOCCAL, R. **O Brasil e o mercado Internacional de Lácteos**. Balde Branco, São Paulo, 15 maio 2014. Disponível em: <http://www.baldebranco.com.br/brasil-e-o-comercio-internacional-delacteos/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ZOCCAL, Rosângela. **Déficit na balança comercial pode ser revertido**. Anuário do Leite, Juiz de fora, Embrapa, 2018.